

coleção
Memórias e
Memoriais

ORGANIZADORES

Ana Boff de Godoy
Rodrigo de Oliveira Lemos

**Amor baseado
em evidências**

Lucia Campos Pellanda



Editora da
UFCSPA

Amor baseado em evidências

Lucia Campos Pellanda

coleção **Memórias e Memoriais**

ORGANIZADORES DA COLEÇÃO

Ana Boff de Godoy

Rodrigo de Oliveira Lemos

Amor baseado em evidências

Lucia Campos Pellanda



Editora da
UFCSPA

**Universidade Federal de Ciências da
Saúde de Porto Alegre**

Reitora

Lucia Campos Pellanda

Vice-reitora

Jenifer Saffi

**Pró-Reitoria de Extensão, Cultura
e Assuntos Estudantis (PROEXT)**

Mônica Maria Celestina de Oliveira

COLEÇÃO MEMÓRIAS E MEMORIAIS

Organizadores

Ana Boff de Godoy

Rodrigo de Oliveira Lemos

EDITORA DA UFCSPA

Diretora

Ana Rachel Salgado

Vice-diretor

Alberto Antonio Rasia Filho

Conselho Editorial

Alberto Antonio Rasia Filho

Ana Luíza Pires de Freitas

Ana Rachel Salgado

André Luiz da Silva

Caroline Tozzi Reppold

Cláudia de Souza Libânio

Keli Cristine Reiter

Márcia Vignoli-Silva

Revisão

Leonardo Vernier Finamor

Olívia Barros de Freitas

Ana Rachel Salgado

Capa e projeto gráfico

Sofia Satie Basso Aseka

Fernanda Namie Nogueira Nakamura

É permitida a reprodução sem fins lucrativos do texto escrito desta obra, parcial ou total, desde que citada a fonte ou sítio da Internet onde pode ser encontrada (www.ufcspa.edu.br/editora). É proibida a reprodução de imagens e figuras deste livro sem autorização, por escrito, dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P385a Pellanda, Lucia Campos

Amor baseado em evidências [recurso eletrônico] / Lucia Campos Pellanda.

– Porto Alegre : Ed. da UFCSPA, 2025.

Recurso on-line (142 p. : il. color.)

(Memórias e Memoriais)

Modo de acesso: <https://ufcspa.edu.br/vida-no-campus/editora-da-ufcspa/obras-publicadas>

ISBN 978-65-87950-91-4

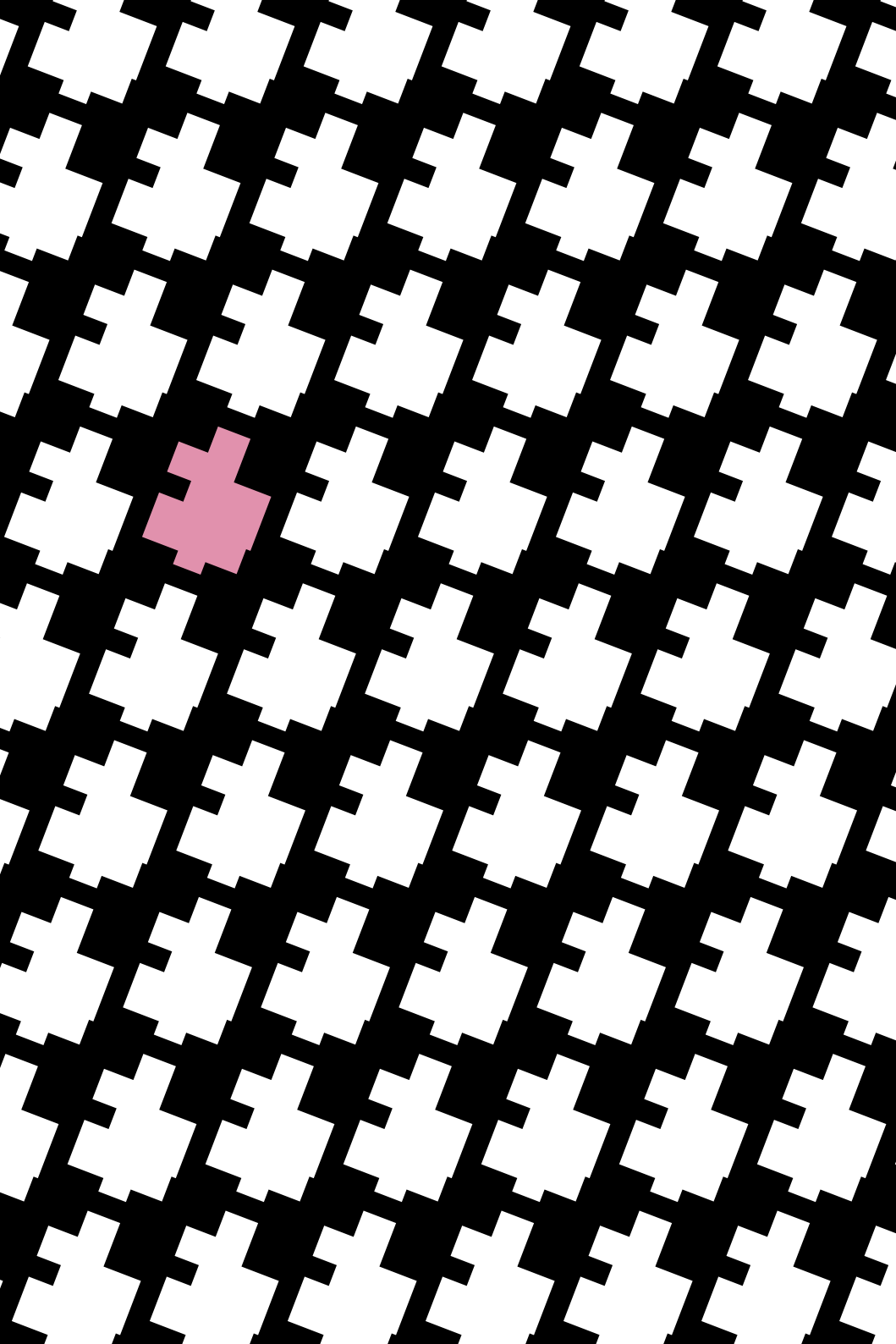
1. Autobiografia. 2. Medicina. 3. Cardiologia. I. Godoy, Ana Boff de. II. Lemos, Rodrigo de Oliveira. III. Título. IV. Série.

CDD 923.7

CDU 929:37

Sumário

Apresentação da Coleção	7
Dedicatória	12
Agradecimentos	13
1	Introdução 21
2	A toalha da amizade 23
3	A biblioteca da casinha de madeira e as conversas durante o almoço 27
4	O ensino: juntas, cantemos 33
5	O que eu quero é correr mundo, correr perigo 39
6	O curso de medicina, a pesquisa e o ensino médico 45
7	Residência em pediatria: assistência e evidências para mini pessoas 53
8	O coração 55
9	A universidade contém um universo 71
10	“Quando eu soltar a minha voz, por favor entenda”: extensão, diálogo e transversalidade 79
11	A gestão e o curso intensivo de vida 85
12	Mulheres 95
13	Pandemia, interconexão e resiliência: aulas avançadas do curso intensivo 101
14	Traduzindo evidências: quem sou eu para falar? 109
15	O futuro está em construção 119
16	Resumo por tipo de atividade e principais instituições 123
17	Atividades conforme disposto no artigo 5º da resolução CONSUN nº 27/2014: Ensino, Pesquisa, Extensão, Gestão e Produção Profissional 127
18	Referências 141



Apresentação da Coleção

É com imensa satisfação que apresentamos o terceiro volume da coleção *Memórias e Memoriais*, cujo propósito é o de consolidar a memória institucional da UFCSPA, de maneira a dar a conhecer as trajetórias de seus professores titulares.

A presente coleção foi lançada ainda sob os auspícios da comemoração dos 15 anos da UFCSPA, completados em 2023. Apesar de ter debutado há pouco tempo, a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre tem uma história progressa que precisa ser lembrada, ainda que de maneira breve neste pequeno espaço¹.

A existência dessa instituição remonta a 1953, quando o Professor Rui Cirne Lima, então provedor da Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, propôs a criação de uma faculdade de Medicina junto ao complexo hospitalar. Menos de 24 horas depois de lançada, a proposta foi acolhida pelo Arcebispo

1. A história da UFCSPA pode ser conferida no livro “UFCSPA: Nascimento e expansão de uma universidade especializada” (2017), de Rodrigo de Oliveira Lemos.

Metropolitano de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer que, no dia 8 de dezembro, decretou a criação da Faculdade Católica de Medicina. Construído o prédio (hoje nosso “prédio 1”), em 22 de março de 1961 ocorria a primeira aula. Legitimando-se como instituição de referência no ensino médico e a partir de um desejo de ampliação do acesso e da democratização dessa área de conhecimento, em 1980 a instituição foi federalizada e passou a se chamar Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA).

Como bem compete à uma instituição pública de ensino, a Fundação, como ficou conhecida, foi observando as novas demandas sociais e, conseqüentemente, alargando seu escopo de atuação. Assim, em 2004 foram ofertados, além do tradicional curso de Medicina, os cursos de Nutrição e de Biomedicina. Em 2007, o curso de Fonoaudiologia teve sua estreia; e em 2008, foi a vez do lançamento do curso de Psicologia. A Fundação já não era mais somente uma Faculdade de Medicina, e sim um pequeno universo de cursos especializados em saúde e, portanto, nada mais justo que fosse alçada à categoria de Universidade. Nasce oficialmente, então, a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre no dia 11 de janeiro de 2008, sob a liderança da Reitora Miriam da Costa Oliveira e do então Ministro da Educação, Fernando Haddad.

A partir daí, e de uma política nacional de expansão das universidades, outros cursos foram se somando à estrutura da UFCSPA, sempre sob uma perspectiva analítica das necessidades sociais de ampliação dos saberes e da democratização do ensino: Enfermagem e Fisioterapia (2009); Farmácia (2010); Gastronomia e Toxicologia Analítica (2012); Física Médica, Gestão em Saúde e Tecnologia em Alimentos (2014); Informática Biomédica (2015); Química Medicinal (2016).

Hoje, a UFCSPA oferece 16 cursos de graduação, 64 programas de Residência Médica, 4 programas de residência Multiprofissional, 9 cursos de especialização e 12 programas de Pós-Graduação Stricto Sensu, atendendo a um universo de 5200 estudantes.

E se é verdade que todo esse crescimento e essa consolidação da UFCSPA como a segunda melhor universidade do Rio Grande do Sul e a primeira melhor graduação do Brasil só foi/é possível graças ao investimento do governo federal e das políticas de fomento à educação pública superior, também é verdade que foram/são as pessoas que se dedicam diariamente à gestão, à administração, à pesquisa e, sobretudo, ao ensino nessa universidade, as grandes responsáveis pelo êxito de nossa instituição.

Somos a universidade federal com menor número de servidores por alunos: 207 técnicos administrativos e 380 docentes. Docentes que se dedicam ao ensino na graduação, na pós-graduação e na extensão, à pesquisa, à orientação, à administração, à gestão e à sua permanente formação.

A docência universitária tem muitas particularidades e nos exige desempenhar muitos papéis. Das chefias de departamentos acadêmicos à reitoria, passamos por comissões de todos os tipos, por grupos de trabalho, grupos de pesquisa, capacitações, atualizações... orientamos, participamos de bancas, de congressos, organizamos eventos, escrevemos artigos, criamos produtos... A curiosidade nos move, e junto com ela, a vontade de aprender e de ensinar, e a necessidade de compartilhar.

Esta coleção compartilha memórias. Memórias de histórias trilhadas por docentes da UFCSPA que chegaram ao topo de sua carreira, atingindo a “classe E”, de Professores Titulares. Uma trilha longa (de, no mínimo, 20 anos), cheia de desafios, trabalho, dedicação e todo o tipo de emoções. Essas memórias são particulares, mas fazem parte, também, de uma coletividade, de uma

universidade. A história da UFCSPA, afinal, se entrelaça (e depende) das histórias de cada um e uma que compôs ou compõe o seu quadro de docentes.

Esta coleção compartilha memoriais. Os memoriais se tornaram requisito para a ascensão ao grau de Professor Titular a partir da Portaria n.982, de 3 de outubro de 2013, expedida pelo Ministério da Educação. Desde então, a “defesa de memorial” se transformou em um rito cheio de significados. O memorial é um documento que guarda o percurso de toda a carreira acadêmica de um determinado professor. A palavra “documento” provém do verbo latino *docere*, ou seja, “ensinar”, e dele deriva o sentido de prova, de comprovação. Os documentos memórias são, então, testemunhos objetivos de histórias individuais, mas são, também, como nos lembra o historiador Jacques Le Goff², “materiais da memória”.

Essa memória, quando materializada em um memorial e ritualizada na sua defesa, evoca outras memórias individuais (por vezes dos próprios indivíduos que avaliam e validam o memorial) e outras tantas memórias coletivas e institucionais. A validação dessa memória, no rito e em decorrência dele, atribuiu ao memorial um outro sentido, o de monumento. A palavra “monumento” tem, segundo Le Goff, “uma raiz indo-europeia, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*)”. O memorial se torna, então, mais do que a evocação de uma carreira inteira, a sua coroação, e, além disso, um legado.

Esta coleção, então, compartilha legados, heranças de memórias objetivas e subjetivas, de indivíduos que construíram e constroem essa instituição. Instituição que, como lembramos, pode ser vista como uma mocinha 17 anos, mas que carrega a memória e a história de uma sábia senhora de 70.

2. “História & Memória” (1988).

Neste volume, temos a satisfação de apresentar o memorial de nossa Excelentíssima Reitora **Lucia Campos Pellanda**, que ingressou ainda na FFFCMPA, em 2004, no Departamento de Medicina Preventiva, em concurso para docente de Metodologia Científica.

Médica cardiologista pediátrica e epidemiologista, Lucia hoje é docente do Departamento de Saúde Coletiva e, neste março de 2025, está encerrando o seu segundo mandato como Reitora da UFCSPA, algo que (como ela mesma nos conta) não estava em seus planos, mas que veio como consequência de uma trilha acadêmica em que se entrecruzam relações de afeto com seus pares, com seus estudantes e com a própria Universidade.

Viajante intrépida, leitora voraz, mãe da Marina, filha do dr. Luiz Pellanda (médico) e da professora dra. Nize Pellanda (educadora), Lucia vem construindo um sólido legado para nossa comunidade acadêmica e costurando, a exemplo das mulheres de sua família, uma “toalha de amigos” que se estende em muitas direções e que toca a vida de inúmeras pessoas.

Com esta publicação, prestamos homenagem a esta querida colega que, por oito intensos anos, dedicou-se integralmente a conduzir esta comunidade acadêmica com pulso firme e coração grande.

Que os fios dessa história possam ensejar, ainda, muitos sonhos, e que se tramem em alicerces para muitas novas construções. Que este documento-monumento possa ser inspiração e instrumento de transformação.

Ana Boff de Godoy e Rodrigo Lemos
Organizadores

Dedicatória

Para a Marina,
com quem eu já sonhei antes de nascer,
e que desde então é a principal razão
para querer construir
futuros

Agradecimentos

À família querida, maravilhosa, solidária, colaborativa e nada conformista:

Aos meus pais, por terem nos ensinado o valor da educação, por sempre nos incentivarem e acreditarem em nós.

Às minhas e meus avós, fortes, cuidadores, especiais, desbravadores.

Eduardo, Roberto, Magda, Mariana, Guigo e Cacá, por serem um círculo de amor.

Tititos, tios e tias, primos e primas, por todo o apoio.

Aos meus mestres, e tive o privilégio de ter tantos, tão importantes.

Vou fazer uma tentativa de agradecer em ordem cronológica de aparecimento na minha vida, pois a ordem de importância é impossível de determinar em redes tecidas de afeto. A cada uma e a cada um, uma gratidão imensa por terem sido fundamentais nessa trajetória.

Às professoras do Instituto de Educação, escola pública de qualidade, que até hoje me chamam de Lucinha e comentam meus escritos com corujice.

Ao dr. Enio Rotta, pediatra que não dava injeção, ao prof. David Zimmerman, que comentou que sangue era apenas um tecido circulante, e à dra. Beatriz Seligman, a melhor anamnese e o maior coração.

Aos seres humanos inspiradores Bruce Duncan, Maria Inês Schmidt, representando tantos professores da FAMED-UFRGS.

Ao Diogo, que mostrava no primeiro ano que não tínhamos nos enganado de curso.

Aos queridos mestres Mauro Bohrer, que deixava bilhetes sábios em dias difíceis, e Sônia Lueska, representando todos os maravilhosos preceptores da Residência em Pediatria do HCPA-UFRGS, e às mestras R3 Helena Muller e R2 Suzane Kummer. Ao professor Danilo Blank pela aula inesquecível sobre prevenção, que fez minha vó Dita sorrir lá de cima.

Ao dr. Nestor Daudt, agregador e melhor auscultador do mundo, e à toda a equipe da Cardiologia Pediátrica: Joice, Cora, Estela, Raul, Paulo Zienlinsky, Tzvi e todo mundo que veio depois.

Aos incríveis professores Rubem Rodrigues, Rubens Maciel e Renato Kalil, pioneiros da pós-graduação em Cardiologia no Rio Grande do Sul.

Ao dr. Nilo Medeiros, que gostava de ficar na biblioteca explicando eletros.

Ao dr. Aloysio Achutti, pioneiro e inspirador.

Ao dr. Carlos Gottschall e à Saionara Pastorino, da Diretoria Científica do IC/FUC.

À toda equipe da Unidade de Pesquisa do IC/FUC, representados aqui por Maria del Carmen Stefani, Fernanda Poester,



IMAGEM 1 Comunidade acadêmica da UFCSPA.
Fonte: acervo da autora.

Madalena Espíndola e Ângelo de Souza. À Miss Simpatia Lucia Guedes, do CEP.

Ao dr. Fernando Lucchese, com coração enorme e coragem para explorar novas hipóteses.

Ao dr. Jorge Ossanai, que recortou do jornal o anúncio do concurso (olha onde as coisas foram parar...).

À toda a turma do PREVINA; de quem tenho tanto orgulho, e em especial Sandra Mari Barbiero, pela parceria, Claudia Cesa e Daniela Schuh por compartilharem desde a iniciação científica até além do doutorado.

Agradeço à UFCSPA pelo imenso privilégio de misturar minha história à da universidade.

Às professoras Maria Beatriz Targa e Elizabeth Castro, sempre as primeiras a acolher e apoiar.

Ao meu primeiro chefe e professor no mestrado, prof. Moacyr Scliar, que gostava de trocar nomes que condicionam destinos e que sempre aliou a Medicina, a arte e a preocupação social.

E ao segundo chefe, prof. Airton Stein, o retrato da gentileza e da sabedoria, que sempre me incentivou em todos os projetos e que sempre estimulou a pesquisa.

Aos meus colegas de Departamento de Saúde Coletiva, um oásis de gente que pensa coletivamente. Aos colegas que foram chegando e aos que estavam desde o início, aos que acolheram, inspiraram e abraçaram.

Aos monitores de Metodologia Científica e bolsistas PID, em especial à Maitê Bello Jotz, que ficou quase o curso inteiro na disciplina.

A cada estudante com que tive o privilégio de conviver, desde a 4ª série da Escola Estadual Professor Pedro Tocchetto, até agora, porque são o propósito e o principal desfecho clínico, mas também grandes mestres com quem não deixo nunca de aprender. Aos que mandam mensagens para agradecer por terem aprendido a ler

artigos científicos, aos que compartilham seus sucessos, aos que ganham o mundo, aos que mandam *good vibes*, ou memes científicos, ou questões filosóficas, ou falam de amor, ou lembram do *Ficabomloguil*, aos que dão sugestões, fazem perguntas, propõem e mostram que o mundo tem jeito.

Um agradecimento do fundo do coração à equipe incrível que, com sua diversidade, força, inteligência e competência, com muita dedicação e amor, foram um grande presente que a UFCSPA me deu.

Jenifer, mulher incrível que tanto admiro, pesquisadora, internacional, inteligente, competente e solidária – eu não poderia querer melhor parceira, que me complementa e ensina.

Isa, uma outra mãe que a vida trouxe para me proteger e cuidar. Alessandra Dahmer, Ana Claudia Souza Vazquez, Débora Coelho, Dinara Jaqueline Moura, Márcia Rosa da Costa, Marcia Giovenardi, Leandro Mateus de Souza, Magno Oliveira e Mônica Celestina de Oliveira: não tenho como descrever a imensidão do meu amor e gratidão por ter vocês como parceiros de jornada. A todas as equipes do gabinete, das pró-reitorias, setores, coordenações, chefias, a cada uma e cada um que trouxe sua força e seu amor para essa equação.

Às pessoas que fazem a UFCSPA: docentes, TAs e estudantes, que põe coração no que fazem.

Queria colocar o nome de tanta gente aqui, mas espero que o meu afeto chegue em todas essas pessoas que considero com tanto carinho. Espero que cada uma e cada um se sinta “pertencente”.

Agradeço ao afeto que nos une e que é nossa maior força.

A UFCSPA sempre criou laços que duram para o resto da vida. Casamentos começaram na UFCSPA, e pelo menos um deles começou na metodologia científica (e obrigada Renata e Luís Eduardo por terem me convidado para madrinha); bebês foram muito bem-vindos (obrigada Henrique e Carol por me escolherem como madrinha da pequena Sofia).

Às queridas amigas reitoras, as ANDIVAS, que são uma fonte de inspiração e força, aos amigos reitores, ex-reitores e vices, que têm sido parceiros em tantos desafios.

Aos colegas de comitês científicos, conselhos de especialistas, colegas de jornada e de ideais.

Ao dr. Alfredo Englert, ao dr. Julio Mattos, Dr Fernando Lucchese (outra vez), dr. Antonio Kalil e enfermeira Roberta Almeida, por acreditarem em parcerias sinérgicas.

A todos os voluntários, servidores e estudantes e membros externos, que trabalharam em pesquisa, extensão e assistência desde o início da pandemia, com coragem e dedicação.

Ao nosso COE, a todos que estão na linha de frente e aos se dedicaram a aprender para poder se adaptar.

À incrível equipe do EPICOID na UFPel, na UFCSPA, na UFRGS e em todo o RS.

Aos colegas e estudantes da disciplina “Amor: uma prática biopsicossocial”, pelo “sextou de qualidade”.

A todas e todos que estão salvando vidas de muitas formas, se cuidando e cuidando do próximo.

A tantos amigos queridos, acadêmicos e não acadêmicos, de infância, de adolescência, de correr mundo, de faculdade, de centro acadêmico, de grupo de pesquisa, de residência, de cardiologia, de pediatria, de epidemio, de gestão, aos amigos de pandemia, a turma do IE, a todos os colegas, a *los 4 amigos*, à turma de Cranley Gardens e arredores, à Sala Precisa, ao Condomínio Nova Esperança, aos Jardineiros, às Valquírias, ao Sol de Si, aos amigos das conversas de sábados, a um grupo que se formou por uma causa e virou em amizade, a todo mundo que traz pizza (Luiza Seligman!), biscoito de polvilho (Susan!), chocolates e mariola (Jay!), a todo mundo que sonha junto.

A Fernanda Poester, à Isalete Neumann, à professora Cleidilene Magalhães, ao professor Gilberto Sanvitto e à minha querida chefe de departamento, colega de CASL e inspiração desde sempre, Alice Zelmanowicz, pelo apoio e incentivo para este memorial se concretizar.

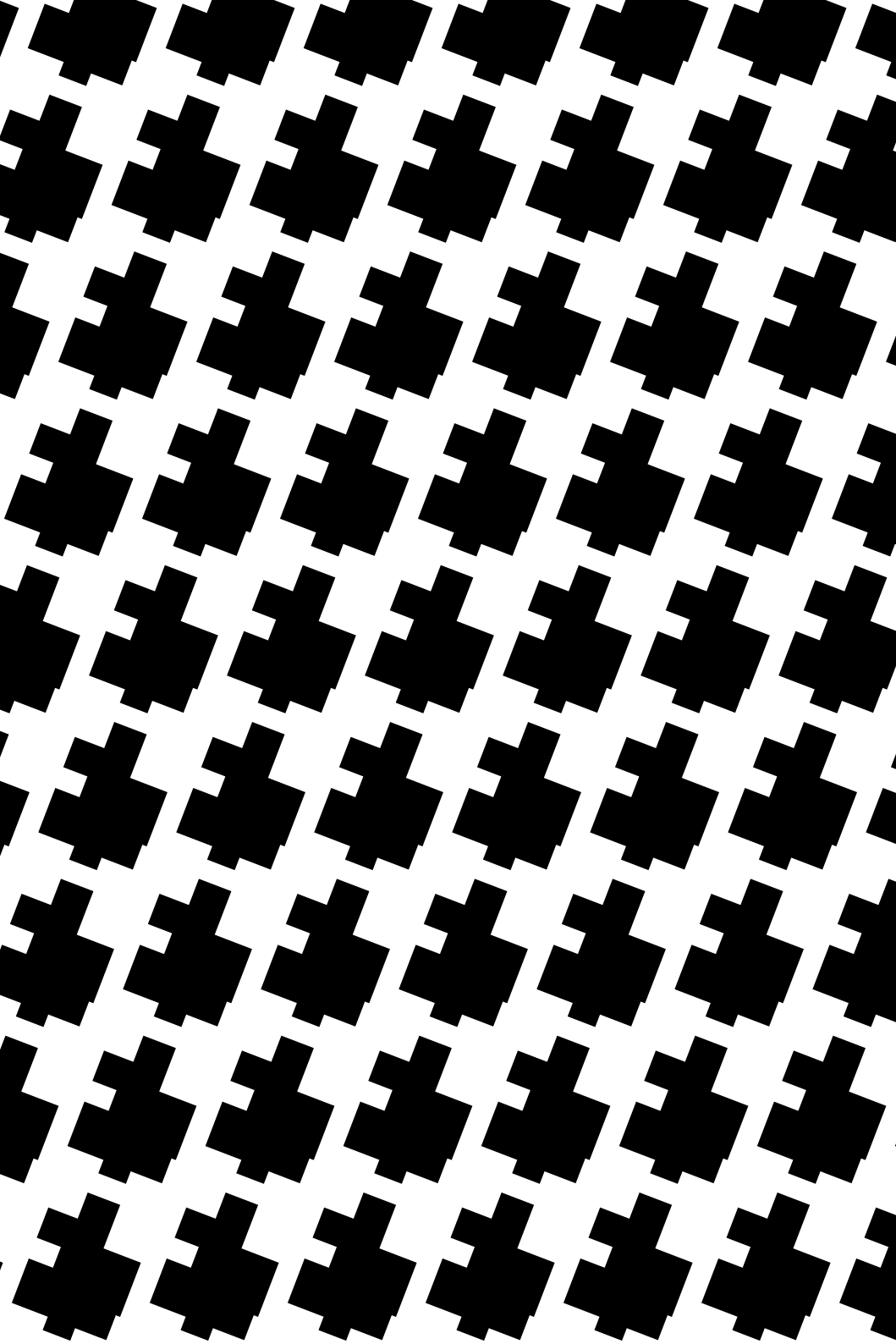
Ao professor Roberto Correa Chem, cujo sonho era ser Professor Titular da UFCSPA.

À banca, formada por grandes mestres a quem admiro, representando todos os mestres que estão sempre comigo.

E, para completar o círculo, dizer mais uma vez o quanto sou grata pela pessoa que mais me ensina, motiva e inspira: a minha filha sábia, amorosa, generosa, consciente, forte e corajosa, que aprendeu sozinha a fazer a melhor *lasagna*, trouxe o Dog da parada de ônibus, defendeu dois TCCs com distinção e sempre enche a mamis de orgulho.

Se eu sou, é por causa de vocês.

Eu sou porque nós somos.



1 Introdução

Este memorial tem por objetivo descrever a trajetória acadêmica, de acordo com o regulamento para a promoção de docentes à classe E, com denominação de professor titular da carreira do magistério superior da UFCSPA, aprovado pela Resolução Consun nº 27/2014, de 23 de dezembro de 2014, cujo artigo 8º estabelece que “A Defesa de Memorial (...) deverá considerar as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão e produção profissional de toda a carreira do docente, de modo a demonstrar: I. reconhecimento e liderança acadêmica; II. geração de conhecimento; III. formação de recursos humanos; IV. atividades administrativas e outros.”.

De acordo com o Art. 5º da mesma resolução, o memorial deve incluir as seguintes atividades: atividades de ensino e orientação; atividades de produção intelectual; atividades de extensão; coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão e liderança de grupos de pesquisa; coordenação de cursos ou programas de graduação ou pós-graduação; participação em bancas de concursos,

de mestrado ou de doutorado; organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino ou extensão; apresentação, a convite, de palestras ou cursos em eventos acadêmicos; recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas; participação em atividades editoriais e/ou de arbitragem de produção intelectual e/ou artística; assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão; exercício de cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de chefia de unidades/setores e/ou de representação.

Dessa forma, o presente memorial consiste de uma narrativa sobre a trajetória acadêmica, com destaque para os fatos mais relevantes, acrescida de uma parte quantitativa, com a listagem das atividades descritas no regulamento.

2 A toalha da amizade

*There is beauty in the patterns of life.*³

Whitney Otto

O memorial apresentado para a progressão de carreira a professora titular deve descrever não somente o período como docente na UFCSPA, mas o transcorrer de toda a vida acadêmica, para demonstrar reconhecimento e liderança acadêmica, como estabelece o regulamento. Como afirma a professora Joseania Miranda Freitas (2018), “a tessitura de uma vida acadêmica não começa exatamente na data de posse, nem tão somente no processo de formação para o exercício da docência.”

Nessa tessitura, é quase impossível separar as memórias “acadêmicas” daquelas relativas a todas as outras áreas da vida. Para quem sempre teve o sonho de viver a vida acadêmica, como eu, não há, realmente, uma linha fácil de delimitar.

3. Há beleza nos padrões da vida (tradução da autora).

Os afetos entrelaçam-se e, por isso, a primeira memória que surge é a da toalha da amizade que era feita na minha família. As minhas tias-avós tinham um costume: cada vez que alguém da família se casava, cada uma bordava um quadrado bem colorido para formar uma toalha. Eu era fascinada por aqueles quadradinhos, todos diferentes, mas formando uma unidade colorida, que era entregue, com muito afeto, para quem começava uma vida nova.

Associo a escrita do memorial a conectar vários desses bordados em uma unidade não linear, mas que faça sentido. Aos poucos, vou tecendo uma toalha com os retalhos das histórias ao longo do tempo e, talvez, inclusive encontrando novos sentidos e novas formas de conectar, com linha e agulha, cada um dos fragmentos.

Um memorial foge totalmente da zona de conforto acadêmica para quem usualmente escreve artigos na terceira pessoa, relata dados objetivos e não faz poesia em sua discussão (embora uma prosa mais poética possa se infiltrar uma vez que outra). É interessante que todas as etapas anteriores de progressão funcional tenham incluído tão somente a apresentação de tabelas objetivas e documentos e que, justamente nessa última etapa, seja solicitado o resgate da subjetividade (que sempre esteve presente, mas nunca “mensurável”).

Wilson Silva diferencia justamente essa enumeração quantitativa do *curriculum vitae*, seguindo um padrão mais objetivo, como o modelo de carreira estadunidense, do memorial descritivo, modelo mais tradicionalmente associado à tradição da academia francesa de *Exposé des titres et travaux scientifiques*. Entende-se o memorial como uma exposição mais crítica e subjetiva, por depender das reflexões e escolhas do autor e também incluir expectativas quanto ao futuro (Silva, 2016):

A prevalência da enumeração a partir de uma estrutura formal, que se estrutura a partir da institucionalização da trajetória, parece oferecer a ilusão imediata da objetividade na qual a carreira não se mistura com a vida, pois, dotada de uma lógica interna, apresenta-se de forma coerente como “narrativa linear, unidimensional e teleobjetivada”, que elenca de forma ordenada sucessos profissionais sucessivos e cumulativos, capazes de ser traduzidos em indicadores mensuráveis dos méritos do autor. (...) A perspectiva autorreflexiva marcada por uma crescente abordagem subjetiva valoriza mais e mais as experiências de recordação e exposição das vivências individuais, a fusão de lembrança e avaliação, a delimitação de “eventos marcantes”, “episódios nucleares”, “memórias definidoras do self”, e “memórias vívidas”, expostos como referenciais das identidades pessoal e profissional e a percepção de uma trajetória ao mesmo tempo coletiva e singular.

Assim, a incorporação de dimensões que estão para além da enumeração permite perceber o trajeto como algo que engloba palavra, imagem, gesto e forma de vida, e transformar a rememoração de cada experiência, como performance que, somada a outras, forma uma imagem construída a partir dos projetos, das possibilidades e dos desejos do docente (Silva, 2016).

O desafio assusta, e demoro a iniciar. Escrever sobre mim mesma sempre pareceu atividade privada. Nunca achei necessário ou bonito enfatizar meu papel nas coisas. Sempre preferi ficar nos bastidores, vendo meus alunos ou equipes brilharem, partindo para o próximo desafio. Nesse sentido, a escrita do memorial foi em parte terapêutica, pois me obrigou a reconhecer o meu próprio papel e também a avaliar resultados de escolhas. O memorial é,

assim, além da descrição do percurso acadêmico, uma oportunidade de autoavaliação, de resignificação e de reencontros.

Procurei seguir a ordem em que os diferentes “retalhos” ou aspectos da vida acadêmica foram entrando na minha vida, embora dificilmente possa separar um do outro. Acredito firmemente que a pesquisa e a extensão qualificam o ensino, e que a prática do ensino gera questões de pesquisa e extensão. Para mim, o grupo de pesquisa sempre foi, também, de formação de pessoas e de interação dialógica com a comunidade. A gestão é um intrincado retalho conectado a todos os demais, que me trouxe também a divulgação científica, tecendo o círculo de volta ao ensino.

3 A biblioteca da casinha de madeira e as conversas durante o almoço

As crianças devem ser ensinadas a pensar e não o que pensar.

Margaret Mead

Sou uma pessoa sem sorte para sorteios. Nunca ganhei nada em um sorteio, a não ser quando era para fazer plantão no natal ou em feriados. Uma vez, em um local em que eu trabalhava, fizeram um sorteio de 30 ingressos entre 33 pessoas, e eu não ganhei.

Costumo dizer que isso ocorre porque tive a maior sorte do mundo ao nascer na melhor família: uma família amorosa, que sempre valorizou as pessoas muito acima das coisas. Uma família que tem por princípio que o exemplo, a integridade, o crescimento pessoal e as experiências valem mais do que qualquer herança material. E, acima de tudo, uma família que ama livros e ama estudar. Assim, cresci cercada de livros.



IMAGEM 2 Um dos lugares preferidos da infância, a biblioteca no sótão
Fonte: arquivo pessoal.

A minha avó morava em uma casinha de madeira bem pequena no bairro Partenon, em Porto Alegre. Mas o sótão era mágico: tinha mais de 7.000 livros. Era como um universo inteiro. Os livros conversavam com ela, e essa tradição passou para o resto da família. Quando um livro cai aberto, todo mundo corre para saber o que ele está dizendo e leva a sério o conselho.

Na época do “veraneio”, passávamos lá, com o carro já lotado com o “rancho” e todos os apetrechos para a praia, e ela tinha umas 5 caixas de livros enfileiradas na calçada. Meu pai desesperava-se para encaixar tudo no porta-malas, e viajávamos até Torres com caixas de livros no colo. Eu torcia para que chovesse, para não ser obrigada a ir à praia e poder ficar em casa lendo (escrevendo isso durante uma longa quarentena, agradeço pela insistência dos meus pais na defesa da praia nos dias de sol).

Uma coisa muito rara para as mulheres da minha geração, tive duas avós que se formaram e que trabalhavam fora de casa. Uma avó enfermeira obstetriz, formada pela primeira turma da Santa Casa, que me ensinou a lutar contra micróbios e injustiças, e uma avó psicóloga e bacharela em direito, que ficou viúva cedo e foi sozinha para Brasília ser professora na recém-inaugurada UnB.

A minha mãe, que foi minha professora de História no ensino fundamental, depois que estávamos na faculdade, resolveu fazer mestrado, doutorado (com período sanduíche nos Estados Unidos) e alguns pós-doutorados. Hoje, é bolsista de produtividade de CNPq na modalidade “Inovação Tecnológica”.

O meu avô trabalhava na viação férrea, e acho que dele herdei a pontualidade. Era um cuidador e teve quatro filhas mulheres. Lembro, de pequena, ele sempre rindo de toda a nossa agitação: as quatro filhas e as primeiras duas netas, enquanto a avó fazia “cuecas viradas” e contava histórias. O outro avô, que não cheguei a

conhecer, deixou livros e muitas lembranças contadas pela avó. Ele foi estatístico, pesquisador, professor da UFRGS e também publicava uma coluna no *Diário de Notícias*, onde escrevia sobre economia, literatura, teatro e arte e, segundo todos os relatos, era um homem empático e cuidador.

O meu pai, o maior cuidador de todos, médico e inovador, pioneiro das tecnologias e invenções, foi o primeiro a ter computador pessoal em Porto Alegre. Tinha uma oficina nos fundos de casa, de onde saíam projetos variados. Até hoje, qualquer coisa que quebra, os netos avisam que o “vovô conserta”. Além de uma incrível escutatória, meu pai sempre teve também um interesse genuíno por todas as coisas da ciência. No almoço, discutíamos de astronomia a bioquímica, e mais de uma dessas conversas casuais que caíram no vestibular, anos mais tarde, que pude acertar sem ter estudado formalmente. Antes da estreia do primeiro filme da série *Guerra nas estrelas*, de George Lucas, lembro que meu pai sentou conosco, explicando sobre vários efeitos especiais e também sobre planetas e galáxias. Por isso, essa série tem um lugar importante nas minhas memórias afetivas e até hoje é motivo de momentos compartilhados com entusiasmo por três gerações da família.

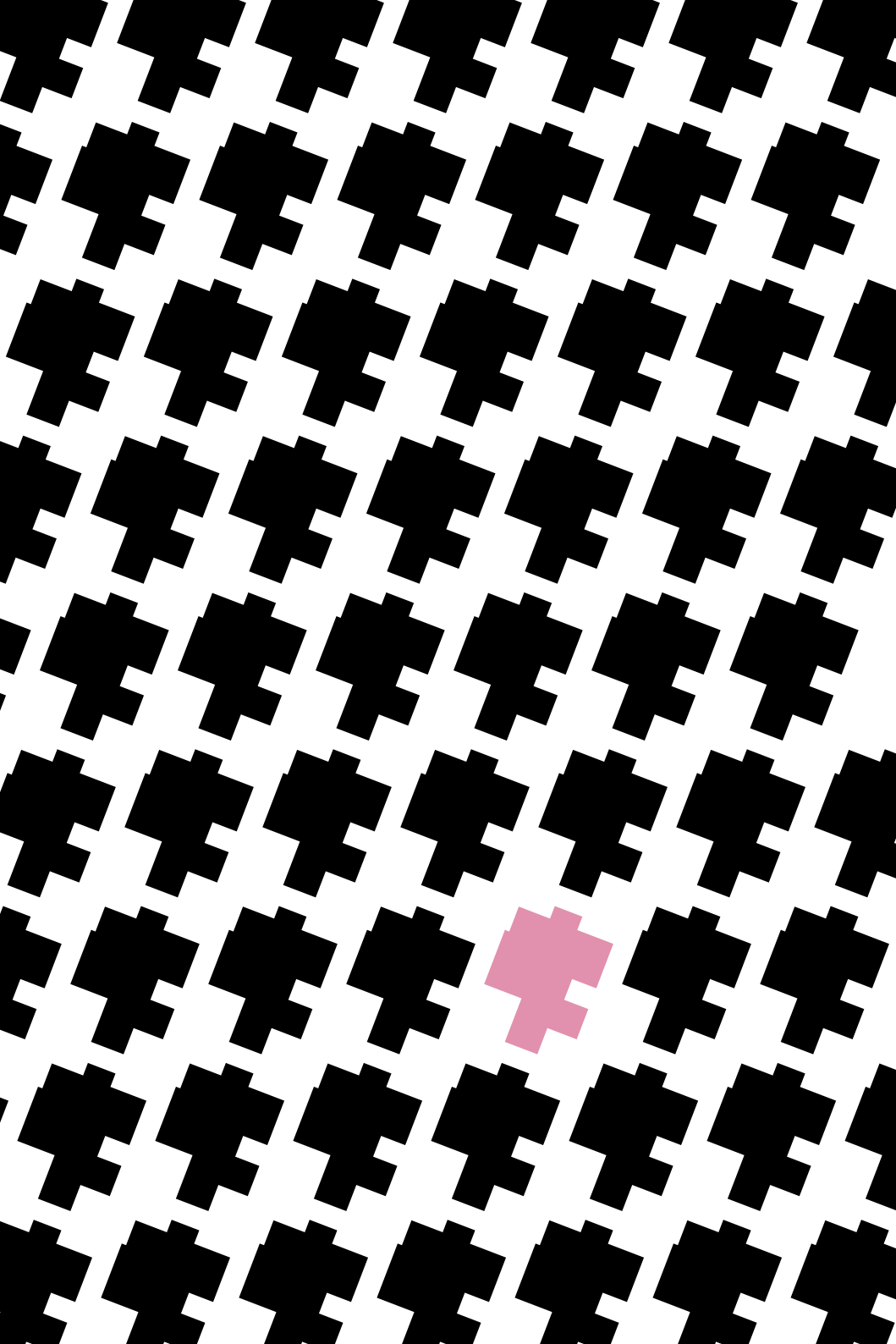
Da mesma forma, tenho a lembrança muito vívida de ler, com a minha filha pequena, os primeiros livros da série *Harry Potter*, de J.K. Rowling, em tardes de um inverno muito frio de Porto Alegre, pegando sol em um “acampamento” no tapete da sala de estar. Ela ter crescido junto com a série de livros — e precisarmos estar à meia-noite na frente da livraria com outras bruxinhas e magos nas datas de lançamentos de mais um volume da série — traz mais um retalho afetivo da continuação da tradição familiar de misturar as histórias dos livros com as lembranças da vida.

Por que tantos detalhes dos que me antecederam? Porque sinto que foram eles que naturalmente me encaminharam, de alguma forma, para a vida acadêmica. Por causa de todos eles, sempre me pareceu muito natural escolher o que se gosta, seguir o caminho mais difícil, buscar o crescimento e enfrentar os desafios. E, muitas vezes, quando deu tudo errado, eles estavam lá com doses extras de amor, presença e confiança. Uma família que sempre acreditou que eu fosse capaz de coisas impossíveis, mesmo que eu mesma não acreditasse. Uma família que não duvidou que eu seria exatamente o que quisesse ser quando, aos 4 anos de idade, uma visita perguntou:

— Lucinha, o que queres ser quando crescer?

— Quero ser doutora de “congresso”.

Mais de 300 eventos depois, eles continuam me chamando de “doutora de congresso” e achando que foi uma autoprofecia muito adequada.



4 O ensino: juntas, cantemos⁴

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

Estudei toda a minha vida escolar, da creche ao ensino médio, no Instituto de Educação General Flores da Cunha, escola pública

4. Início do hino da escola, que, originalmente, era somente feminina: “Juntas, cantemos/ a nossa marcha triunfal/ eia marchemos/ a escalada do ideal”, e que, até hoje, identifica ex-alunos do IE.

de Porto Alegre. O IE, como era chamado, era também uma escola de aplicação, ou seja, em várias séries, tive aula com as estagiárias do curso de magistério que, depois, eu mesma vim a cursar. A qualidade de ensino era excelente, e a escola era considerada modelo.

Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental, tive o privilégio de participar de uma experiência pedagógica, as “Classes-Laboratório”, que incluíam um embrião do currículo por atividades, com integração das disciplinas, turno integral e foco no pensamento crítico e na construção do conhecimento. Não havia avaliações tradicionais como provas, o que deixava a maioria dos pais apreensivos com a adaptação dos estudantes no ensino médio e suas chances no vestibular. A experiência de participar de um projeto inovador de ensino marcou a minha vida e tem repercussões em muitas das minhas reflexões atuais sobre educação.

Este é o depoimento que escrevi ao finalizar a 8ª série, que foi publicado no livro “Apostando no aluno” (Knijnik, 1984):

A Classe-Laboratório foi uma experiência muito válida e que me deu condições maiores do que uma escola comum daria para eu me desenvolver.

Tenho pena de que o ano esteja acabando e que a nossa turma vá agora se separar. Quando falo turma, incluo alunas, professores, todo o mundo. Lembro daquelas conversinhas na sala 46, com todos expondo as suas idéias, livremente e sem medo. Um grupo muito unido e que agora vai se separar.

Tenho medo desta idéia: agora cada um vai seguir um caminho diferente, e não se sabe onde ele vai dar. Vamos seguir sozinhos, pelas próprias pernas, com "autonomia de voo".

A Classe-Laboratório me deu esta autonomia, me ensinou a pensar, a questionar, não aceitar as verdades prontas, enfim, me ajudou a crescer pelas experiências que me proporcionou.

E agora está na hora de eu aproveitar o que sei, para enfrentar uma escola comum e sei que vou me adaptar facilmente.

O conhecimento é um só; por isto, se a pessoa aprendeu a estrutura do conhecimento, se é capaz de estudar por si própria, será capaz, depois de se adaptar a qualquer tipo de ensino.

Eu não pretendo mudar o mundo, mas não quero observá-lo passivamente. Quero tomar parte no que eu puder, ajudar, a quem eu puder. Quero crescer.

Lucia Pellanda

IMAGEM 3 Depoimento no livro "Apostando no aluno", de Liba Knijnik (1984)

Fonte: arquivo pessoal.

A seguir, cursei o magistério no formato tradicional, e a adaptação foi muito tranquila, assim como a dos colegas que, em sua maioria, foram para o Colégio de Aplicação da UFRGS. Lembro que, no magistério, tínhamos de 10 a 12 horas por semana de pedagogia e didática, uma grande ênfase na língua portuguesa e uma carga muito menor das ciências biológicas e exatas. A maioria das aulas de matemática, física, química e biologia era justamente sobre como construir o conhecimento nessas áreas e não necessariamente incluía o conteúdo do ensino médio usual.

Isso seria a receita para um “desastre” no vestibular. Mas, afinal, descobri que o aprender a pensar e a autonomia na busca do conhecimento eram uma riqueza inestimável que o IE tinha me oferecido. Como o magistério ocupava o turno integral, não tive tempo de fazer cursinho pré-vestibular. Assim, acordava às 5h da manhã e estudava até o horário de ir para o colégio. Fiz isso durante o terceiro ano, sem expectativas de passar em medicina, e, por isso mesmo, inscrevi-me somente na UFRGS. Tinha a ideia de que seria um treino para o ano seguinte. Acredito que esses anos de escolaridade, com tantas experiências inovadoras, as conversas durante o almoço em família e as leituras de uma vida toda, garantiram-me a vaga na primeira tentativa, com um agradecimento especial às professoras de língua portuguesa do IE, que muito contribuíram para a nota 10 da redação.

Passei no vestibular ao final do terceiro ano, com 16 anos, mas ainda faltava o estágio prático de 6 meses, que realizei na Escola Estadual Professor Pedro Tocchetto, no bairro Glória. A turma de 4ª série tinha estudantes de 9 a 16 anos, a minha idade à época.

Essas experiências foram marcantes e definidoras da minha atuação como docente. Até hoje, penso que o que aprendi no magistério é diretamente aplicável nas atividades de sala de aula, e que toda a abordagem de construção de pensamento é fundamental



IMAGEM 4 Aluna da 2ª série no IE, fui escolhida para fazer um "discurso" para receber os "calouros" da 1ª série

Fonte: arquivo pessoal.

para o ensino da leitura crítica de evidências científicas, por exemplo. A minha gratidão pela escola pública e por suas mestras e mestres é imensa e é a raiz da minha firme convicção de que o investimento consistente e prioritário em educação, em todos os seus níveis, pode mudar o futuro de um país.

5 O que eu quero é correr mundo, correr perigo⁵

*Not all those who wander are lost*⁶

J.R.R. Tolkien

Desde criança, sonhava em correr mundo. Olhava o globo e colocava o dedo em lugares como Inverness, dizendo: um dia, vou aqui. Após finalizar o estágio do magistério e antes de ingressar no curso de medicina, tinha o plano de passar um mês estudando inglês em Londres. Esse mês acabou virando um período de quase dois anos, em que trabalhei durante um ano e viajei o restante do tempo pela Europa e pela Ásia. Apesar de não ser uma atividade acadêmica, essa viagem também definiu muito do que sou hoje, pelo contato com as diferentes culturas, pelas diversas categorias de trabalho, pelos desafios de enfrentar o mundo, por desenvolver empatia e resiliência e testar os limites físicos e mentais.

5. Caetano Veloso.

6. Nem todos aqueles que vagueiam estão perdidos.

Chegar sozinha, aos 17 anos, em uma cidade como Londres e procurar escola, trabalho e lugar para morar foram desafios talvez não muito diferentes daqueles que nossos estudantes enfrentam quando chegam a Porto Alegre para cursar o ensino superior, muitas vezes longe de suas famílias e morando sozinhos pela primeira vez. Mas esses desafios trazem também grandes amizades e um crescimento pessoal acelerado.

Comecei a frequentar a International House, uma escola de inglês que era campo de estágio para jovens professores, o que proporcionava aulas excelentes e sem custo para os alunos. Ao mesmo tempo, o contato intensivo durante o trabalho fez com que o aprendizado da língua fosse potencializado.

Com o dinheiro economizado no trabalho, saí de Londres com uma mochila nas costas e com a vontade de conhecer os “caminhos menos trilhados”⁷. De trem, ônibus, barco, carona e a pé, andei por pequenos vilarejos e grandes cidades, por praias, pelas formações rochosas da Capadócia, pelo deserto do Baluchistão, pelo estado em guerra do Punjab, pelas montanhas do Nepal, por lugares onde nunca imaginei chegar nem em meus sonhos de infância ao girar o globo terrestre. Em partes da viagem estive sozinha, e, em outras, acompanhada de amigos. Em cada parada, uma comunidade de viajantes trocava livros e experiências. Nesse exercício de desapego, a única coisa que sinto foi nunca mais ter encontrado alguns dos livros que recebi e passei adiante, porque queria guardar todos, mas a mochila somente tinha lugar para um livro de cada vez. Livros que contavam sobre os locais por onde íamos passando; histórias de vida e viagens como a nossa. Livros que, mais uma vez, falavam comigo e ensinavam justamente o que eu precisava saber naquele momento...

7. “Two roads diverged in a wood, and I/ I took the one less traveled by,/ And that has made all the difference” (Robert Frost).



IMAGEM 5 Mosteiro budista de Thicksay,
Ladakh, norte da Índia
Fonte: arquivo pessoal.

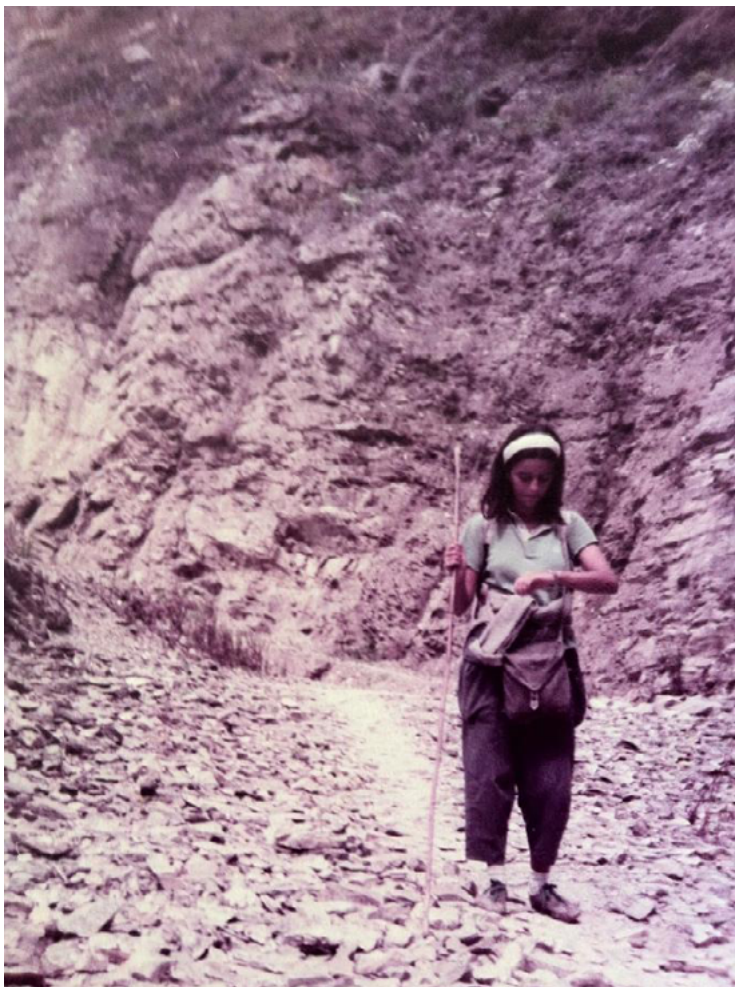


IMAGEM 6 Trilha do monte Langtang, Nepal

Fonte: arquivo pessoal.

6 O curso de medicina, a pesquisa e o ensino médico

Há dois objetivos na educação médica: curar os doentes e promover a ciência.

Charles H. Mayo⁸

Acredito que o intervalo de dois anos entre o vestibular e o início do curso deu-me melhores condições de aproveitar o curso de medicina e as oportunidades que a universidade oferece. Já no primeiro ano, aconteceu mais uma das situações que considero “definidoras de vida”. Tive o privilégio de ter a disciplina de Metodologia Científica com os professores Maria Inês Schmidt e Bruce Bartholow Duncan, que estavam chegando dos Estados Unidos após um período na Universidade da Carolina do Norte e que acabavam de trazer, para o Rio Grande do Sul, os conceitos da epidemiologia clínica e da medicina embasada em evidências.

8. Mayo Clinic History and Heritage, em: <https://history.mayoclinic.org/toolkit/quotations/the-doctors-mayo.php>.

Durante a disciplina, deveríamos fazer um projeto de pesquisa, e o meu grupo optou por estudar o currículo paralelo dos estudantes de medicina, trabalho que, mais tarde, apresentei no Congresso Brasileiro de Educação Médica, representando o grupo. Acho simbólico que o meu primeiro projeto de pesquisa tenha sido sobre educação médica (Pellanda, 1993).

Rapidamente, apaixonei-me pela epidemiologia, pela metodologia científica e pela pesquisa e, no final da disciplina, fiz a prova para monitoria. Os professores Maria Inês e Bruce criaram a Assessoria Científica da UFRGS, com os objetivos de prestar consultorias a projetos de pesquisa da comunidade acadêmica, promover grandes projetos de pesquisa, como o Censo de Diabetes e o Estudo de Fatores de Risco Cardiovasculares no RS, e de promover seminários e debates. Essa vivência foi uma preciosidade que realmente mudou a minha carreira. Como monitora ou voluntária, participei da Assessoria Científica desde o segundo ano da graduação até alguns anos após a formatura e ali, como acadêmica, tive inúmeras oportunidades muito raras para uma estudante na época.

A minha paixão pelos grandes estudos epidemiológicos e por todas as análises que podíamos realizar a partir dos dados começou com a participação, como coletadora, do Censo de Diabetes. Posteriormente, foi um grande privilégio acompanhar o processo cuidadoso de produção de conhecimento da professora Maria Inês nesse e em tantos outros projetos. Ela sentava conosco para discutir hipóteses e sugerir análises, em uma forma sistemática de abordar dados observacionais que até hoje me fascina (Schmidt *et al.*, 1993). Durante o ano de 2020, tive a oportunidade de voltar a participar desses encontros e ver a “inteligência funcionando em tempo real” durante as reuniões para discussão dos dados do estudo ACP-POA, um caso-controle aninhado ao EPICOID.

Os monitores da Assessoria Científica prestavam consultorias de metodologia e estatística para projetos de pesquisa, em sua maioria de professores, o que nos fazia estudar profundamente os delineamentos de pesquisa e os programas disponíveis para análise estatística. Nessa época, também tive a oportunidade de ser selecionada como estagiária do professor Bruce B. Duncan no “Program for the Teaching of Clinical Epidemiology”, projeto apoiado pela Fundação Kellog. Também participei da tradução do livro *Epidemiologia clínica*, de Fletcher, Fletcher e Wagner, juntamente com meus professores, e esse livro é, até hoje, uma fonte fundamental para as minhas disciplinas.

Também nessa época, os professores Bruce, Inês e Elsa Giugliani começaram um projeto aprofundado de avaliar os principais problemas da medicina ambulatorial no nosso meio. Esse projeto resultou no livro *Medicina ambulatorial*, a ser publicado pela Editora Artes Médicas (hoje Grupo A). Inicialmente, trabalhei como uma espécie de secretária editorial, contatando autores e organizando e formatando capítulos. No entanto, no trabalho de formatar os capítulos, acabava fazendo sugestões de linguagem ou estilo e, às vezes, de conteúdo. Os organizadores então me convidaram a participar da autoria em dois capítulos, *Consulta ambulatorial* e *Atestados, certificados e registros*, o que era inédito para uma acadêmica de graduação e que foi um grande privilégio. Na edição seguinte, fui convidada para organizar uma das seções do livro, função que mantive por mais duas edições. Um dos capítulos da primeira edição, sobre consulta ambulatorial, foi escrito com a minha colega de monitoria, Alice Zelmanowicz, grande exemplo que tive durante o curso. À época, ela já era médica formada, e hoje ocupa a posição de Chefe do Departamento de Saúde Coletiva da UFCSPA. Em mais um alinhavo generoso do destino, a professora

Alice permaneceu sendo, para mim, uma grande fonte de apoio, amizade e exemplo de conduta durante todos esses anos.

Anos mais tarde, o professor Bruce convidou-me para ser monitora no Primeiro Seminário Brasileiro de Epidemiologia Cardiovascular, que foi realizado na cidade de Gramado. Esse evento foi realmente único: um seminário de 10 dias com grande aprofundamento das evidências em prevenção cardiovascular. Minhas funções eram fazer a análise detalhada dos artigos científicos e moderar pequenos grupos. Foi uma oportunidade de aprendizado intenso. Desse encontro, resultaram a *Declaração de Gramado*, com recomendações para a prevenção cardiovascular no país, e a rede de pesquisadores e médicos Amigos do Coração (AMICOR), coordenada pelo dr. Aloysio Achutti, e que até hoje se mantém ativa (Achutti *et al.*, 2017).

Acima de tudo, os professores Bruce e Maria Inês foram grandes mentores, exemplos de conduta acadêmica íntegra, generosidade em compartilhar seus conhecimentos e em estimular seus alunos e orientandos a alçar voo, o que muito influenciou a minha forma de orientar meus próprios alunos.

Além da monitoria no Departamento de Medicina Preventiva, Saúde Pública e Medicina do Trabalho da FAMED (Conceito A), ainda durante o curso de medicina, fui monitora do Departamento de Medicina Interna (Conceito A) e do Departamento de Pediatria e Puericultura (Conceito A).

Durante o 5º ano do curso, em 1990, realizei estágios em pediatria no Departamento de Pediatria da Royal Victoria Infirmary, na Newcastle University, em Newcastle-Upon-Tyne, na Inglaterra, e no Departamento de Pediatria do Glostrup Hospital, na University of Copenhagen, na Dinamarca.

Outra vivência importante durante o curso de Medicina foi a participação nas instâncias de representação estudantil no Centro

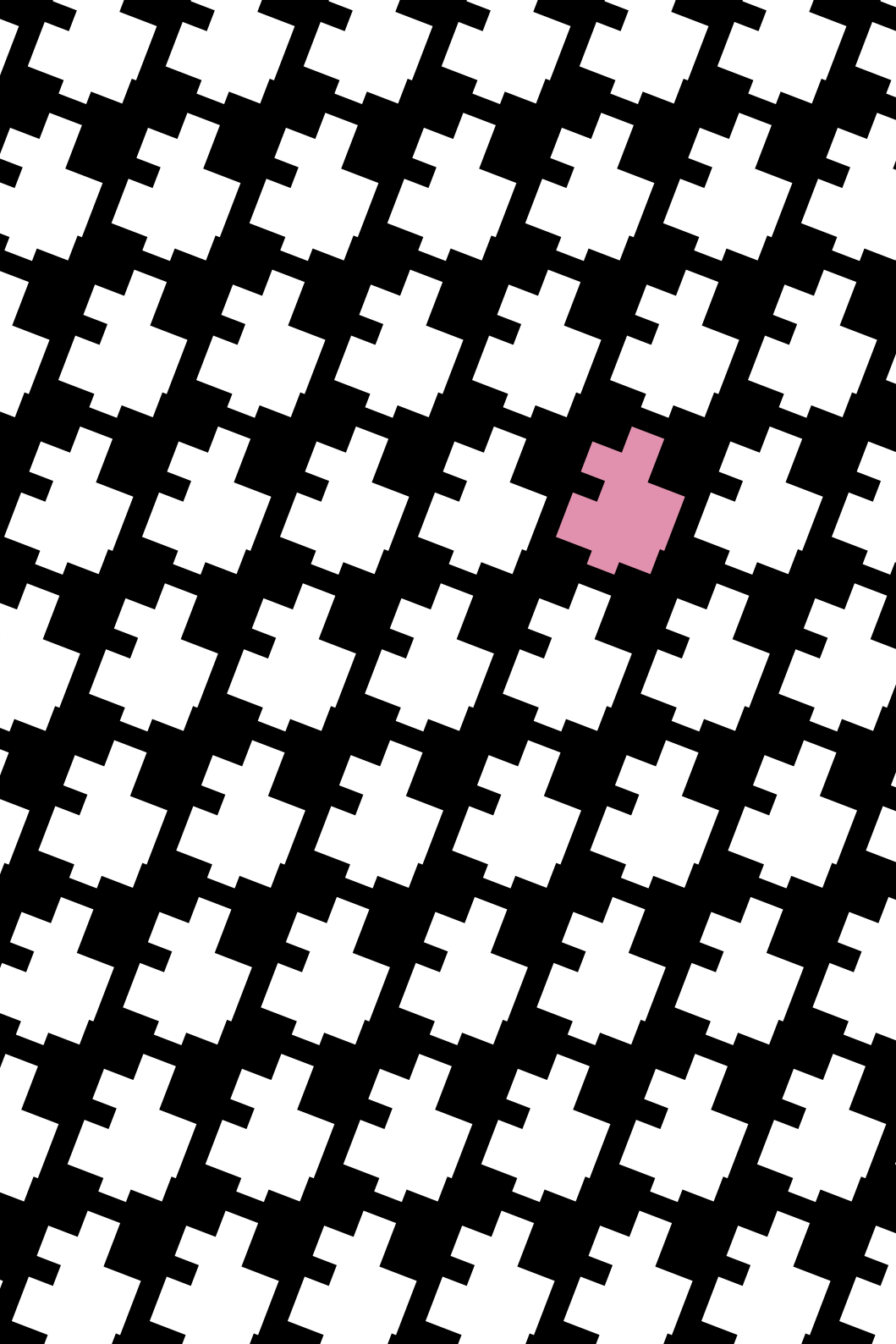
Acadêmico Sarmiento Leite. Na época, um grupo de estudantes, que são grandes amigos até hoje, iniciou estudos sobre transformações do currículo médico. Essas discussões foram de grande aprendizado, e a proposta resultante foi apresentada no XVIII Encontro Científico de Estudantes de Medicina, em Campinas, em 1987.



IMAGEM 7 Com os colegas dinamarqueses
no Hospital Glostrup, Copenhagen
Fonte: arquivo pessoal.



IMAGEM 8 Jornal do ECEM, com proposta de transformação do ensino médico elaborada pelos estudantes
 Fonte: arquivo pessoal.



7 Residência em pediatria: assistência e evidências para mini pessoas

Uma pessoa é uma pessoa, não importa o quão pequena seja.

Dr. Seuss

A residência em Pediatria foi um período muito rico em aprendizado. Com a carga de trabalho intensa, que em algumas semanas chegava a 100 horas semanais, os projetos de pesquisa ficaram adiados. O professor Mauro Bohrer, chefe da residência à época, sempre deu muito apoio às ideias de introduzir a MBE e os clubes de revista na residência, assim como os colegas. Aos poucos, os conceitos da MBE iam se disseminando também para a pediatria, e eu percebia como o preparo que tinha recebido ao longo de todo o curso havia sido importante para a prática clínica.

Uma das lembranças que guardo com muito carinho foi quando um grupo de professores — Sônia Lueska, Edila Pizzato Salvagni, Humberto Rosa e Boaventura Antônio dos Santos — pediu para ter aulas de epidemiologia clínica comigo, pois estavam

se preparando para as seleções de mestrado e doutorado (na época, eram mais raros os professores das áreas clínicas da medicina que tinham doutorado). Essas aulas foram uma alegria muito grande. A minha admiração por essas pessoas, que já era grande pela atuação delas na residência, aumentou ainda mais por eles não só quererem o aperfeiçoamento, mas terem a confiança em pedir ajuda a quem estava tão aquém da posição deles como mestres.

Durante a residência, justamente por perceber a necessidade de sistematização das nossas condutas clínicas, propus ao professor Mauro a elaboração de um livro pelos residentes, sob orientação dos professores. Com a colaboração da querida professora Sônia Lueska e da colega residente Suzane Cerutti Kummer, organizamos o livro *Rotinas em Pediatria*, que foi publicado pela editora Artes Médicas (Zimmer, 1996).

8 O coração

O coração é a região do inesperado.

Machado de Assis

Sempre soube que queria trabalhar com crianças: já entrei na faculdade querendo fazer pediatria. No entanto, ao longo do curso, fui me apaixonando pelo coração. Isso começou com a fisiologia cardiovascular, depois teve prosseguimento com as variáveis hemodinâmicas que eu aprendia a medir na UTI, o eletrocardiograma e, principalmente, com a semiologia. A semiologia cardiovascular é rica, complexa, e, de certa forma, interligada com emoções e profundezas da alma. O coração precisa de ouvidos atentos, de silêncio e de uma certa reverência para revelar seus segredos (o professor de semiologia colocaria a questão de forma mais técnica: são apenas bulhas e sopros).

Na cardiologia pediátrica, fascinam-me o processo diagnóstico e a análise sequencial, com a história, o exame físico e os exames complementares mais simples sendo muito importantes. Quantas

vezes o mestre dos mestres da cardiologia pediátrica, dr. Nestor Daudt, discutiu conosco o resultado de um ecocardiograma baseado apenas na ausculta, e ele estava sempre certo? Quantas vezes desenhei a análise sequencial para os novos internos que ingressavam no ambulatório e recebia em troca olhares espantados com a possibilidade de dois átrios esquerdos ou de um ventrículo direito à esquerda ou de uma transposição congenitamente corrigida?

Três aspectos já me faziam gravitar naturalmente em torno da cardiologia: ser uma das especialidades em que a Medicina Baseada em Evidências avançou de forma mais rápida; a importância da prevenção cardiovascular; e a subespecialidade de epidemiologia cardiovascular. Assim, a cardiologia pediátrica foi a forma de unir tantas coisas que eu gostava em uma especialidade.

Depois da UFRGS-HCPA, minha segunda casa acadêmica foi o Instituto de Cardiologia do Rio Grande do Sul/Fundação Universitária de Cardiologia (IC-FUC). O IC-FUC acolheu-me de uma forma que só uma instituição dedicada ao coração poderia fazer.

O IC/FUC foi criado já com o tripé ensino-pesquisa-assistência em suas missão e definição institucional. Esse tripé era exaustivamente defendido pelo querido professor Rubem Rodrigues, responsável pela visão e pela execução do projeto de um hospital dedicado à cardiologia no Rio Grande do Sul. O professor Rubem era o coordenador do curso de pós-graduação em Ciências da Saúde: Cardiologia e tinha uma filosofia de estimular e apoiar os jovens da instituição, investindo em formar lideranças para o futuro. O seu papel foi fundamental para determinar o DNA da instituição de forma bastante avançada para a época (Rodrigues, 2001). O professor Rubem identificou meu interesse por pesquisa e, juntamente com o dr. Paulo Zielinsky, estimulou-me a seguir a carreira acadêmica. A convite de ambos, fui responsável, durante vários anos, pela assessoria metodológica e estatística a projetos de pesquisa, nos mesmos moldes em

que atuei na Assessoria Científica da FAMED-UFRGS, uma vivência que serviu para me integrar rapidamente à instituição.

Na época em que ingressei, a residência em cardiologia pediátrica ainda não existia de forma oficial, embora já contasse com um programa muito bem estruturado e uma preceptorial de excelente qualidade. O dr. Daudt, chefe do serviço, tinha um perfil agregador que foi responsável pelo grande crescimento do serviço.

Uma oportunidade muito importante nesse período foi poder iniciar o mestrado em Ciências da Saúde (Cardiologia), cuja duração foi de 1994 a 1997, a partir do primeiro ano de residência. O orientador foi o dr. Paulo Zielinsky, pioneiro da cardiologia fetal em nosso meio. Nesse trabalho, pude avaliar a prevalência, o risco e a evolução de anormalidades cardíacas em 2.304 fetos submetidos à ecocardiografia pré-natal na unidade de cardiologia fetal do IC/FUC, em pesquisa coordenada pelo professor Zielinsky. Esse trabalho originou diversas apresentações no Congresso Mundial de Cardiologia em 1998 e o 3º lugar no Prêmio Jovem Pesquisador naquele evento e também foi determinante para minha indicação ao Prêmio Destaque FAPERGS na área de Ciências da Saúde em 1998, uma honra muito grande pela qual sou muito grata.

O mestrado foi uma oportunidade muito interessante de estudar mais profundamente a cardiologia, em disciplinas como cardiologia isquêmica, arritmias, cirurgia cardíaca e morfologia cardíaca. Também tive o privilégio de ter aulas com os professores Edgar Mário Wagner (estatística), Moacyr Scliar (epidemiologia) e Rubens Maciel (ética), três grandes mestres, e com o professor Rubem Rodrigues, coordenador do curso à época, e o professor Renato Kalil, que foi muito importante para o desenvolvimento das habilidades de apresentar e organizar uma aula.

Aqui, há um fato curioso que mostra bem o clima de confraternização que reinava no IC/FUC: as aulas da disciplina



IMAGEM 9 Jornal da Federação Mundial de Cardiologia, com notícia sobre o Prêmio Jovem Pesquisador

Fonte: arquivo pessoal.

The congress can be considered a great success from the point of view of numbers of delegates in attendance and also from a scientific aspect. Pre-congress activities included five symposia, in addition to the World Congress of Echocardiography, attended by 1,600 cardiologists. There were also fifty mini-courses and, for the heart foundations' programme, five symposia. In all, 94 conferences, 66 symposia, 41 satellite symposia, 20 meet the experts and 17 plenary sessions were convened. The organisers announced that Itazai hosted the best known cardiologists in the world and that the main lectures were presented by Eugene Braunwald, Victor J Dzau, Valentin Fuster, Adib-Domingos Jatene and William B Kannel. The highlights of the topics discussed were molecular biology, genetic engineering and foetal cardiology.

An extensive prevention programme on lifestyle and behavioural changes towards a better quality of life formed the non-medical part of the exhibition. Dean Ornish is the author of the 'Life Style Project', which was brought to life by the participation of Kenneth Cooper.

Abstracts were reviewed by international graders. Fewer than fifty percent of the 4,020 papers submitted were accepted and, for the first time, will be published in the Journal of the American College of Cardiology.

During the Opening Ceremony, attended by the Vice-President of Brazil, Marco Maciel, the Minister of Health, José Serra, the Governor, Marcello Alencar, the Mayor, Luiz Paulo Goski, and in the presence of Dr Hiroshi Nakajima, the Director-General of the World Health Organization, Geneva, Dr Bayés de Luna urged that WHO gives high priority to combating cardiovascular diseases and to encouraging governments to adopt and implement national policies for their prevention and control (see also the resolution adopted by the General Assembly, page 6).

The ISFC, clearly a world heart organisation, carries on a steady increase in membership which, at present, represents 81 countries and includes 77 societies of cardiology

Contents

ISFC General Assembly	3
New WHO Director-General	3
Cardiovascular disease in the developing countries	4
2 nd Heart Foundations' Symposium	6
Forthcoming meetings	7
Members' activities	9
Cigarette smoking by New Zealand doctors and nurses	11

2

Twin Centres

The Twin Centres project was launched to encourage collaboration between cardiac centres in less advantaged countries with high quality centres in developed countries. Centres selected for participation in the first year of this four-year programme - with financial support of CHF 5,000 - are:

- University E. Mondlane, Maputo, Mozambique with Hospital S. João, Porto, Portugal.
- G B Pant Hospital, New Delhi, India with Electrophysiology Research Foundation, Milburn, NJ / Eastern Heart Institute, Passaic, New Jersey, USA.
- Department of Paediatrics, Universiti Sains, Kelantan, Malaysia with Hospital for Sick Children, Toronto, Canada.
- Al-Rasheed Hospital, Beirut, Lebanon with Hospital Clinico, Barcelona, Spain.

It is hoped that WHO members, with the help of government resources devoted to developing countries, will provide additional financial support to extend this twinning project.

A first step in this direction has been taken by the Canadian Society of Cardiology with an exchange programme with centres in South America. Similar plans are being developed by the Spanish Society of Cardiology and it is hoped that other national and continental societies will follow. It is also expected that twinning programmes will be carried out under WHO auspices through corporate sponsorship.



The three winners of the Young Investigators' Award, Ruth Frøkke-Schmidt, Alexander H J Danzer and Lucia Zimerer. In the background, Dr Antoni Bayés de Luna, President, WORLD HEART Federation, and Dr Mario J C Maranhão, President, Rio World Congress of Cardiology.

and 53 heart foundations. It encompasses most of the world's population and the number of non-member countries with societies of cardiology and/or heart foundations is very small. The President, in his outline of the organisation's activities and projects, mentioned ISFC's priorities, which are to **provide leadership, working in collaboration with national and continental societies and foundations, to devote particular emphasis to CVD in developing countries; to enhance communication; to increase fund raising efforts; and to establish an annual World Heart Day, starting in the year 2000.**

To implement the campaigns to fight against heart diseases in developing countries and to follow up a Memorandum of Understanding signed by UNESCO, WHO and ISFC, several task forces have been established:

- Rheumatic Fever/Rheumatic Heart Disease (chaired by Dr Edward Kaplan, USA) with the full support of the European Union. A

campaign on primary prevention in Bangladesh is being set up.

- Chagas' Disease (chaired by Dr Branco Mionner, Argentina).
- Risk Factors in Developing Countries (chaired by Dr Darwin R Labarthe, USA).

Further activities include the Twin Centres project and the launching of the new publication, CVD Prevention, Editor-in-Chief - Dr Darwin R Labarthe, USA (see page 9).

Awards

For the first time in its history of world congresses, several awards were bestowed. Ansel Keys, USA, was the recipient of the Award for Cardiology in recognition of his major contributions in the field of cardiovascular disease. The Young Investigators' Awards were presented to Alexander H J Danzer, The Netherlands, Ruth Frøkke-Schmidt, Denmark, and Lucia Zimerer, Brazil, who were selected from amongst six finalists.

de cardiopatia isquêmica, ministrada pelo professor Rubem Rodrigues, com importantes convidados de todo o Brasil, eram nas sextas-feiras às 14h. Antes da aula, o professor sempre oferecia um churrasco, com muita carne, salsichão e salada de maionese. Brincávamos que era uma aula prática de cardiopatia isquêmica, parcialmente compensada porque o professor sempre servia vinho no almoço! O milagre de nos mantermos acordados depois de uma refeição dessas cabia aos convidados, que sempre traziam temas interessantes para discussão.

Ainda durante o mestrado, fui convidada a assumir o cargo de responsável pela divisão de prospecção e fomento da Unidade de Pesquisa do IC/FUC. Começou, então, a trajetória nessa unidade que considero um grande modelo de estrutura de apoio ao pesquisador em uma instituição de saúde. No setor de prospecção e fomento, eu era responsável por acompanhar os bolsistas de iniciação científica, uma das tarefas que mais aprecio. Participei da organização do I Salão de Iniciação Científica do IC/FUC, juntamente com a coordenadora administrativa da unidade, a professora Maria del Carmen Stefani. Hoje, alguns dos bolsistas da época são pesquisadores ativos e exercem a docência, inclusive na UFCSPA e, alguns, no exterior.

Após a conclusão do mestrado, fui convidada a ministrar a disciplina “Medicina Embasada em Evidências” por duas vezes, como docente visitante (1999 e 2000), com carga horária de 60 horas, equivalendo a 4 créditos, no curso de pós-graduação em Medicina Interna, na Universidade Federal de Pernambuco. Esta foi uma experiência didática muito importante, fonte de amizades que duram até hoje, e também demonstra o quanto o tema ainda era bastante novo à época, pois, mesmo com mestrado apenas, fui convidada a ministrar uma disciplina na pós-graduação em uma universidade federal. Esse também foi o embrião de diversos

curso e palestras realizados para divulgar a Medicina Baseada em Evidências em anos posteriores.

Durante esse tempo, comecei a estabelecer como objetivo trabalhar com prevenção cardiovascular. Durante a residência, percebi que os fatores de risco cardiovasculares normalmente associados à vida adulta começavam a aparecer, mesmo que de forma discreta, entre os problemas frequentes no ambulatório. Esses problemas, como a obesidade, a hipertensão e as dislipidemias secundárias, ainda eram considerados problemas de países ricos.

No ano de 2000, iniciei um projeto de grupo de pesquisa, o Grupo de Prevenção Cardiovascular na Infância e Adolescência (PREVINA). Inicialmente, convidei a nutricionista Sandra Mari Barbiero e a médica do esporte Rosemary Petkowicz para comporem o grupo. Em 2001, iniciamos um ambulatório de cardiologia pediátrica preventiva, para atender as crianças encaminhadas internamente do ambulatório geral por precisarem de atenção multidisciplinar a fatores de risco cardiovasculares. Logo a seguir, o grupo foi ganhando a colaboração de outras áreas, como a psicologia, a enfermagem, a educação física e a psicopedagogia. Ao longo dos seus 18 anos de funcionamento, chegou a ter mais de 50 integrantes, entre profissionais do IC/FUC e de diversas universidades, além de estudantes de graduação de diversos cursos, mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos. Desde o início, o PREVINA buscou também ser uma experiência de funcionamento em rede, com objetivos compartilhados e com a construção de um saber transdisciplinar, e de integração entre assistência, ensino, pesquisa e extensão (Pellanda *et al.*, 2002).

Unindo esse interesse com a cardiologia fetal, comecei a estudar as origens das doenças crônicas associadas ao desenvolvimento (*developmental origins of health and disease* — DOHaD) e cheguei aos trabalhos de David Barker sobre a hipótese da origem



IMAGEM 11 Ambulatório do PREVINA; com residentes e estudantes da FFFCMPA
Fonte: arquivo pessoal.

intrauterina das doenças crônicas em uma coorte histórica de nascimentos no condado de Hertfordshire, Inglaterra. A partir desse estudo, tomei contato com o conceito de epidemiologia do curso da vida, que tem sido fundamental para a minha linha de pesquisa desde então, pois, de certa forma, une todos os elementos com que eu vinha trabalhando de uma forma a aumentar a complexidade das análises e oferecer novas perspectivas. Tradicionalmente, a epidemiologia cardiovascular vinha estudando aspectos na vida adulta como potenciais fatores de risco para a ocorrência de doenças crônicas.

O modelo de epidemiologia do curso da vida propõe que não é apenas durante a vida adulta que se inicia o risco, mas ao longo de toda a vida (Ben-Shlomo, Kuh, 2002; Blane, Netuveli, Stone, 2007). Dessa forma, trajetórias de saúde ou doença podem representar a interação de vários elementos em diferentes épocas, com atenção especial para alguns períodos ou janelas críticos, como a vida intrauterina, os primeiros 100 dias de vida, a vida escolar, a adolescência, a entrada na vida adulta, a gestação, a aposentadoria, entre outros. Dessa forma, fui construindo os projetos de pesquisa a partir da premissa de que, se a saúde é uma construção ao longo da vida, há oportunidades, em cada fase da vida, de prevenção da doença cardiovascular, de adoção de um estilo de vida saudável e de construção de um futuro com melhor qualidade de vida.

Também a partir desses elementos cheguei a autores que propunham o conceito de prevenção primordial, ou seja, a intervenção antes da instalação dos fatores de risco como uma etapa anterior à prevenção primária (remoção de fatores de risco). Assim, a prevenção primordial dos fatores de risco para aterosclerose inclui estratégias de educação para a saúde com base populacional (Gillman, 2015; Lancarotte, Nobre, 2016; Ferdinand, 2019).

Com a intenção de aprofundar esse tema, procurei a ajuda do professor Bruce Duncan, o que resultou no projeto de doutorado, também no IC/FUC (2001-2004), como um subprojeto do estudo ARIC (*Atherosclerosis Risk in Communities*), do qual o professor Bruce era um dos investigadores. Essa foi uma oportunidade de voltar a trabalhar com o professor Duncan, tão fundamental para a minha formação, e também com análise de grandes bancos de dados (o ARIC envolveu 27.000 adultos) e modelagem estatística. Além do professor Duncan, pude aprender muito com o estatístico Álvaro Vigo e com os comentários e as revisões da epidemiologista da North Carolina University, dra. Kathryn Rose. O artigo resultante explorou um escore de marcadores inflamatórios na vida adulta e o peso ao nascer, como um possível mecanismo ligando o peso ao nascer à cardiopatia isquêmica e outras doenças crônicas no adulto (Pellanda *et al.*, 2009).

Logo após o doutorado, ingressei como professora colaboradora no curso de pós-graduação em Cardiologia, onde passei a ser professora permanente mais tarde. Durante esse período, ministrei as disciplinas “Avaliação Crítica de Artigos Científicos e Produção Científica”, “Bioestatística”, “Escrita Científica”, “Revisão Sistemática”, “Metodologia Científica Aplicada à Pesquisa Clínica” e “Seminários em Prevenção de Risco Cardiovascular na Infância”. O PPG do IC/FUC passou por um planejamento estratégico e reformulação, ampliando seu perfil multidisciplinar. Com isso, observou-se uma grande diferença na formação em epidemiologia, estatística e metodologia de pesquisa entre diferentes cursos da área da saúde. Para oportunizar um maior aprofundamento dessas áreas antes do ingresso no PPG, foi criado um curso de nivelamento, que mais tarde passou a se chamar “Curso Pré-Pós”, no qual fiquei responsável pelo módulo de “Epidemiologia Clínica” por mais de 10 anos.

Uma das primeiras orientações foi a da dissertação de mestrado da nutricionista Sandra Mari Barbiero: “Sobrepeso, obesidade e hábitos alimentares em escolares de 5ª a 8ª séries de Porto Alegre”. Esse estudo foi um marco importante para o nosso grupo de pesquisa PREVINA, contribuindo para consolidar nossa forma de trabalho colaborativa, com participação de alunos de diferentes níveis e áreas, e também para orientar a nossa linha de pesquisa a partir de seus achados. O estudo de prevalência de fatores de risco para aterosclerose em escolares de Porto Alegre, com amostragem aleatória de base populacional por conglomerados (escolas), avaliou cerca de 900 crianças de 2002 a 2004, tendo observado elevadas prevalências de fatores de risco nessa faixa etária. Um achado interessante para a época foi a maior prevalência de sobrepeso e obesidade nas escolas públicas do que nas privadas, o que confirmava a nossa ideia inicial de que a obesidade infantil deixava de ser um problema das classes econômicas mais favorecidas para se tornar um problema prevalente no Brasil (Barbiero *et al.*, 2009). A partir dessa época, ficou clara uma transição nutricional, com redução das prevalências de desnutrição e aumento da obesidade. Por um período, convivemos com os dois problemas simultaneamente, e é possível que isso volte a acontecer, infelizmente, em um futuro próximo.

A partir dos resultados desse estudo inicial de prevalência, passamos a considerar a necessidade de estudar intervenções precoces e efetivas, com o objetivo de reduzir o impacto dessa doença sobre a sociedade no futuro. Considerando-se que o problema já estava estabelecido e que uma série de estudos “diagnósticos” estavam sendo realizados, passamos a propor projetos com o objetivo de comparar estratégias educativas e de atenção à saúde da comunidade. O PREVINA passou, assim, a atuar em dois níveis: a prevenção primordial (promoção da saúde na comunidade) e o

tratamento de fatores de risco (prevenção primária). Isso fez com que o grupo também ganhasse inserção social, promovendo ações de educação para a saúde na comunidade e buscando aperfeiçoar o atendimento a crianças com fatores de risco no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS) (Cesa *et al.*, 2015; Minossi, Pellanda, 2015; Shneid Schuh *et al.*, 2016; Cecchetto, Pena, Pellanda, 2017).

Também nessa época, comecei a atuar mais fortemente nas Sociedades Gaúcha e Brasileira de Cardiologia (SOCERGS e SBC). Através do dr. Renato Kalil, que foi diretor científico da SBC; pude conhecer o grupo de pesquisa do dr. Ricardo Pietrobon, “*Research on Resarch*”, na Duke University, e, juntos, organizamos o programa de “*Research Coaching*” na SBC (Pellanda *et al.*, 2012). Esse programa consistiu em orientar cardiologistas e grupos para que pudessem realizar pesquisa em seu contexto clínico. Através da SBC, ministrei diversos cursos sobre epidemiologia clínica e metodologia de pesquisa pelo Brasil, o que trouxe muitas vivências importantes e oportunizou conhecer muitas histórias de vida, pelo que sou muito grata. Também fui convidada a participar do corpo editorial dos Arquivos Brasileiros de Cardiologia, onde exerci, por muitos anos, as funções de editora associada de pediatria e, após, de epidemiologia.

Uma das oportunidades importantes desse período foi a possibilidade de participar do grupo que elaborou a I Diretriz de Prevenção da Aterosclerose na Infância e na Adolescência, organizada pela SBC (Back Giuliano *et al.*, 2005). Essa diretriz enfatizou a importância da prevenção cardiovascular na infância em nosso meio e resultou em um grupo unido e ativo para a defesa (*advocacy*) da prevenção em vários níveis (Giuliano *et al.*, 2009).

O IC/FUC para mim é modelo em muitos aspectos. Não é à toa que foi escolhido, por muitos anos seguidos, como o hospital do SUS mais lembrado pelos pacientes. Ao chegar, senti-me acolhida e acredito que os pacientes também se sintam assim. As pessoas



IMAGEM 12 Colagem com atividades do PRE-VINA e repercussão na mídia internacional

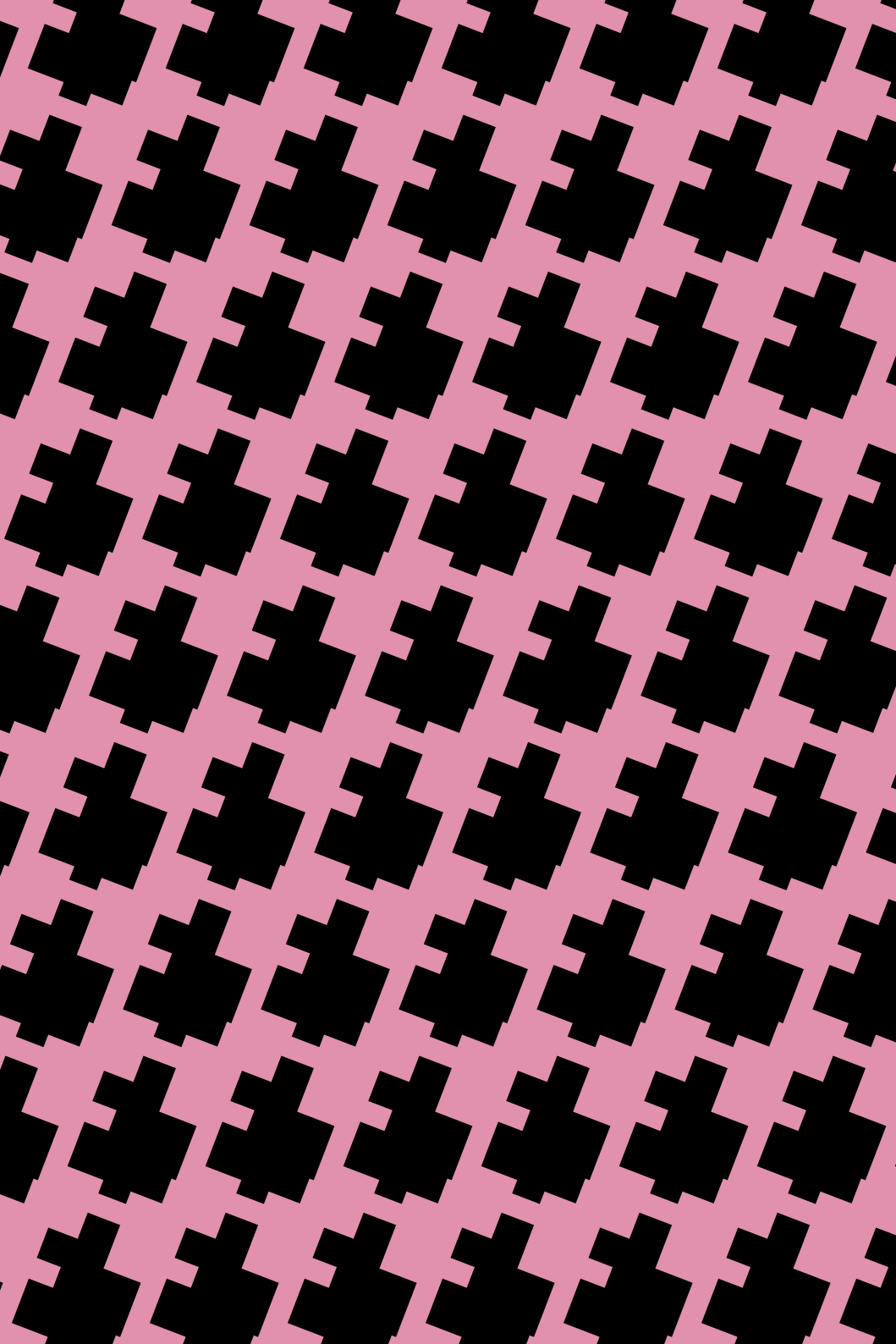
Fonte: arquivo pessoal.

conheciam-se pelo nome, cumprimentavam-se, valorizavam as relações e, principalmente, demonstravam grande respeito pelos fundadores, os profissionais mais antigos. Uma das melhores coisas da instituição, para mim, era a frequência de atividades de ensino para os residentes. Todos os dias, tínhamos pelo menos uma sessão específica e, em alguns dias da semana, eram duas por dia: sessões de congênitos, de isquêmicos, de arritmias, da hemodinâmica e da cirurgia. Todas eram abertas, apresentadas pelos residentes e comentadas pelos preceptores, que compareciam em grande número, sempre com reverência pelos “pioneiros”, como o dr. Nilo Medeiros, o professor Rubem e o professor Kalil. Mais tarde, já preceptora, contribuí para o clube de revista e para a sessão de ensaios clínicos. Era realmente uma integração ensino-serviço muito efetiva (e, em muitos casos, com lanche, o que dava uma clima mais descontraído às sessões e facilitava bastante a vida dos residentes esfomeados!).

Apreendi que algumas pessoas podem ter uma influência muito grande na forma de agir de todo um grupo. O IC/FUC foi idealizado pelo professor Rubem Rodrigues e por um grupo de profissionais, mas a conduta respeitosa e de valorização das pessoas foi transmitida entre as “gerações” de profissionais. Além do professor Rubem, acredito que, na cardiologia pediátrica, por exemplo, a postura do dr. Nestor Daudt de agregar e formar um grupo foi fundamental para o sucesso do setor. O dr. Daudt é um exemplo de pessoa que sempre estimulou os mais jovens a permanecerem no serviço e a agregarem novos conhecimentos, quando poderia ter agido como “dono da área”, o que era muito comum em tempos mais antigos na medicina. Outra pessoa que preciso citar é a Neri Alves Mendes, secretária do ambulatório de pediatria, uma daquelas pessoas que ilumina o que faz e influencia todo um setor. O esforço que ela fazia pelos pacientes, atuando como advogada deles, sempre tendo uma palavra de

conforto, sempre procurando um encaixe, uma forma de organizar melhor os agendamentos e exames, acabou sendo um padrão entre todos os novos funcionários que chegavam ao ambulatório e que faziam dali um lugar muito bom para se trabalhar. Cito esses aspectos que não são estritamente acadêmicos porque acredito que tiveram um papel importante sobre as concepções que fui formando ao longo do tempo sobre gestão. No IC/FUC, as oportunidades de gestão foram se somando, assim como os aprendizados. Depois do setor de Prospecção e Fomento, atuei como coordenadora do curso de pós-graduação em Cardiologia durante 10 anos e como coordenadora da Unidade de Pesquisa por dois anos.

O IC/FUC também trouxe-me a aproximação com a então Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre (FFFCMPA), pois as duas instituições são intimamente conectadas. A disciplina de cardiologia da FFFCMPA era sediada no IC/FUC, e todos os seus professores faziam parte do corpo clínico. Os estudantes da FFFCMPA participavam das atividades de ensino, como os clubes de revista, e passaram também a participar mais ativamente do programa de iniciação científica que eu coordenava à época. Também havia a possibilidade de estágio opcional na cardiologia pediátrica, na qual atuava como preceptora. Assim, creio que toda a trajetória no IC/FUC preparou-me para o ingresso na universidade. Além disso, após o ingresso, uma atividade qualificou a outra, em termos de expansão de conhecimentos, oportunidades de prática e colaborações e também de representar mais uma ponte entre as duas instituições, como tantos antes de mim.



9 A universidade contém um universo

*Plus Ultra (há mais além)*⁹

Gosto de dizer que estava no meu destino pertencer a uma universidade, pois meus pais se conheceram em um baile da reitoria, e, desde sempre, esse foi um sonho. Realizei o concurso para a FFFCMPA em 2004, para a área de “Metodologia Científica” do então Departamento de Medicina Preventiva, tendo sido aprovada em primeiro lugar e iniciado imediatamente as atividades como regente da disciplina de “Metodologia Científica” do curso de medicina. No ano seguinte, com os novos cursos de biomedicina e nutrição, assumi a regência de duas disciplinas de cada curso: “Metodologia Científica” e “Bioestatística”. Também ingressei como colaboradora na disciplina de “Epidemiologia” do curso de medicina. Com o início de novos cursos e com o avanço da grade

9. Frase constante no escudo da Universidad Nacional Mayor de San Marcos, a “decana das Américas”, fundada em 1551, em Lima, Peru.

curricular dos cursos iniciais, passei a participar de disciplinas de “Metodologia Científica”, “Bioestatística”, “Pesquisa”, “TCC” e “Epidemiologia” em diversos cursos, como psicologia, enfermagem, farmácia e gestão em saúde, além de medicina, biomedicina e nutrição. Também colaborei com o projeto do novo programa de pós-graduação em Ciências da Reabilitação, tendo sido professora colaboradora do programa em seu período inicial.

Foi um aprendizado intenso. Apesar de ter experiência de alguns anos com o ensino da metodologia científica para a pós-graduação, nunca havia ensinado na graduação, o que fez-me buscar os recursos aprendidos ainda no magistério e novos conhecimentos sobre metodologias ativas na formação docente que a professora Cleidilene Magalhães estava iniciando. O ingresso na FFFCMPA voltou a acender o interesse pelo ensino médico (que passou a se estender para o ensino na saúde), em especial pelo ensino da metodologia e da saúde baseada em evidências como ferramentas para a prática clínica. O programa de monitoria e, mais tarde, o programa de iniciação à docência trouxeram muitas experiências interessantes e a oportunidade de troca com os jovens monitores/bolsistas, muitos dos quais também se inseriram no grupo de pesquisa ou colaboraram em diversos projetos (Oliveira *et al.*, 2015; Moraes *et al.*, 2016).

Desde o início, também participei, a convite da professora Elizabeth Castro, do programa de tutoria para a medicina, uma das atividades mais prazerosas com que tive a oportunidade de me envolver no ensino da UFCSPA. Tudo começou em uma Feira de Saúde, projeto institucional da FFFCMPA, do qual participei logo após a entrada na instituição. Eu estava conversando com uma família e segurando o bebê no colo. De alguma forma, a “conversa” produtiva que o bebê e eu tivemos convenceu a professora Elizabeth que eu deveria participar do programa de tutoria.



IMAGEM 13 Com uma turma de tutoria, após visita ao Hospital da Criança Santo Antônio

Fonte: arquivo pessoal.

A tutoria trouxe intensa discussão sobre o ensino, as condições de aprendizagem, o futuro da profissão e a interdisciplinaridade. Através da tutoria, pude acompanhar a percepção dos alunos sobre tantos aspectos da vida acadêmica, e essa vivência, de certa forma, também determinou a minha trajetória. A vontade de estar em sala de aula sempre esteve presente desde a minha infância, mas a tutoria trouxe um aprofundamento das relações e uma verdadeira inserção na vida da universidade, além de amizades duradouras.

Em 2014, realizei o curso de formação em metodologia do ensino em disciplinas em língua inglesa, que foi um momento bem interessante de troca de ideias e de novas perspectivas. A partir desse curso, surgiu a colaboração com a professora Melissa Santos Fortes e com a professora Johanna Billig na disciplina “Leitura Crítica de Artigos Científicos em Língua Inglesa”.

Um dos desenhos de pesquisa que começamos a utilizar mais frequentemente foi a revisão sistemática com metanálise. Tendo sido contemplada com um edital MCT/CNPq/CT – Saúde/MS/SCTIE/DECIT, realizamos o projeto “Intervenções educativas, de atividade física e nutricionais para redução da obesidade infantil: revisão sistemática e metanálise de ensaios clínicos randomizados”, com o objetivo de avaliar a efetividade de intervenções educativas, de atividade física e de nutrição para redução de obesidade infantil, quando comparadas à ausência de intervenção. Esse projeto envolveu vários estudantes da UFCSPA dos cursos de nutrição, medicina e enfermagem, além de estudantes de outras universidades. Também proporcionou uma colaboração com a UFRGS e resultou em duas revisões publicadas diretamente relacionadas (Cesa *et al.*, 2012; Sbruzzi *et al.*, 2013). Dada a extensão da revisão — foram mais de 18.000 artigos rastreados —, o grupo ganhou experiência com o método para realizar outros projetos, e também pude oferecer, juntamente com o professor Manuel Vilela, uma disciplina

eletiva sobre Revisão Sistemática na UFCSPA (Schaan *et al.*, 2017; Schuh *et al.*, 2017; Sbaraini *et al.*, 2021).

O Departamento de Medicina Preventiva era chefiado pelo saudoso professor Moacyr Scliar, que me acolheu muito bem, assim como o professor Airton Stein, que o sucedeu. Ambos tinham por conduta estimular a atuação dos professores mais jovens, inclusive sua inserção em linhas de pesquisa. Com a chegada de mais duas professoras, Cleidilene Magalhães, pedagoga, e Carolina Trindade, da área de informática, e o início dos novos cursos, houve uma discussão de que o departamento deveria mudar para o nome mais abrangente de Departamento de Saúde Coletiva (DSC). Passei a exercer a chefia do departamento em 2007. À época, praticamente todos os professores dos cursos novos (nutrição, fisioterapia, psicologia e enfermagem) que não fossem ligados às ciências básicas eram lotados no DSC, independentemente de sua área de atuação ser ou não a saúde coletiva. Isso criou um grande departamento multidisciplinar, cuja chefia era desafiadora, mas também muito recompensadora, o que criou bases para amizades significativas e conhecimento sobre a atuação de diferentes áreas. Acredito que tive um papel no acolhimento desses profissionais e, por ter tido o privilégio de ser professora das primeiras turmas dos cursos novos, também de seus estudantes.

Fui indicada como membro do Comitê Assessor de Ciências da Saúde da FAPERGS de 2008 a 2012, tendo participado também como avaliadora *ad hoc* em diversas ocasiões. Além da FAPERGS, também realizei avaliações para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás, para a Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul e para a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Em 2015, fui contemplada com bolsa de produtividade do CNPq.

Desde o início, minha atuação na UFCSPA foi intensa no ensino da graduação, atividade que muito me recompensava e que, posso dizer, sempre almejei. Os alunos participavam dos projetos de pesquisa e ensino, traziam ideias e abriam possibilidades.

Por exemplo, foi uma aluna da tutoria que trouxe a ideia de um projeto de extensão que trago muito junto ao coração, e que se transformou no programa de extensão “Doutores-Palhaços: o uso do riso como instrumento terapêutico”, no qual colaboro desde 2012 sob a coordenação da professora Elizabeth Castro.

Foram também os alunos que sugeriram que eu começasse a usar as redes sociais. Acatei a ideia e comecei a publicar reflexões sobre ciência, pesquisa e vida na universidade, como uma forma de motivá-los, já que estavam maciçamente presentes nesse ambiente.

O ambiente da sala de aula e a troca com os alunos nos transforma verdadeiramente e é um dos instrumentos mais potentes com que posso contribuir para mudar o mundo. Sempre encarei como missão a responsabilidade de formar profissionais da saúde que tivessem conhecimentos de pesquisa para aplicação na sua prática, para o benefício da saúde de pacientes e da população.

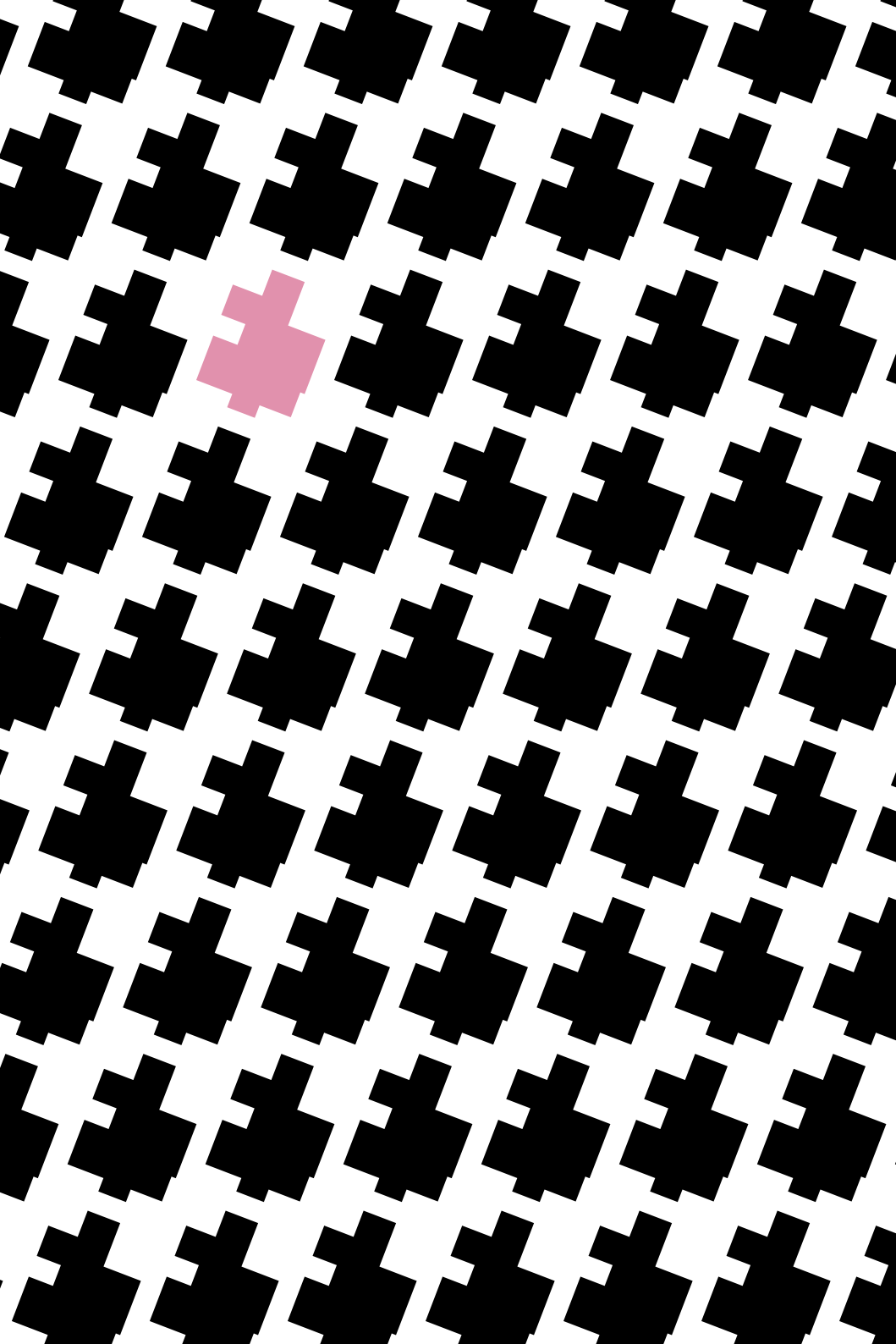


IMAGEM 14 Em sala de aula, com a turma de gestão em saúde, disciplina de epidemiologia, 2016

Fonte: arquivo pessoal.

IMAGEM 15 Apresentação de trabalhos da disciplina de metodologia científica do curso de medicina

Fonte: arquivo pessoal.



10 “Quando eu soltar a minha voz, por favor entenda”¹⁰: extensão, diálogo e transversalidade

Acredito que a interação dialógica com a sociedade é fundamental para a universidade. Esse é um pilar que tem avançado muito, e, mais uma vez, a universidade tem se reinventado e se transformado para escutar os anseios da sociedade. Ainda há um longo caminho a se percorrer, mas o acúmulo de conhecimento recente na área da extensão mostra que estamos avançando.

Sempre procurei incluir uma dimensão dialógica em todas as demais atividades, pois a extensão qualifica o ensino e pode ser parte integrante da devolução dos achados da pesquisa clínica para a comunidade. Dessa forma, a extensão esteve transversalmente presente em praticamente todas as atividades acadêmicas. No trabalho do PREVINA, sempre tivemos uma preocupação de ouvir as necessidades da comunidade e elaborar projetos de intervenção com base nos conhecimentos obtidos através da pesquisa.

10. Trecho da música “Sangrando”, de Gonzaguinha.

Nessa linha, organizamos momentos de reflexão com professoras das escolas, para discussão de prevenção cardiovascular primordial. Após um ensaio clínico randomizado sobre intervenções educativas, também organizamos um grupo para crianças e suas famílias, que tinha, por objetivo, ampliar o alcance das ferramentas desenvolvidas na pesquisa, multiplicando-as entre um número maior de famílias.

Além do programa de extensão doutores-palhaços, logo que iniciou o projeto do Coral UFCSPA, inscrevi-me para o teste com o maestro Marcelo Rabello. A música sempre fez parte da minha vida, por isso fui, por 8 anos, aluna do projeto Prelúdio, da UFRGS, nas modalidades de flauta doce e flauta transversa. No magistério, fiz parte do coral do Instituto de Educação, sob a regência do maestro José Pedro Boessio. Quando a minha filha estava no ensino fundamental, também juntei-me ao grupo de pais e mães da Escola Projeto, sob a regência da professora Helena Lopes e, que, mais tarde, transformou-se no grupo de canto Sol de Si, sob regência do professor Marcelo Delacroix. Simbolicamente, também foi um processo de encontrar minha própria voz. Assim, foi com muita alegria que me juntei ao projeto do Coral UFCSPA. O trabalho do maestro Marcelo Rabello é excepcional.

Como eu era a única docente participante em um momento inicial, acabei auxiliando na elaboração de projetos, pois, na época, na condição de técnico-administrativo, o maestro não poderia ser o coordenador. Isso fez com que eu me envolvesse mais e participasse também de algumas produções do grupo. Tive inclusive a honra de apresentar uma das experiências na conferência europeia de ensino médico, em 2018 (AMEE), com direito a código QR para a audição das músicas, com coautoria do maestro e de acadêmicos da fonoaudiologia.



IMAGEM 16 Apresentação de projeto do Coral UFCSPA na conferência da Associação Europeia de Ensino Médico (AMEE)

Fonte: arquivo pessoal.

O Coral e a Banda da UFCSPA participaram da nossa cerimônia de posse à reitoria em 2017 (e também em 2021, virtualmente). Naquela ocasião, escrevi:

“Porque música em tantos momentos desta cerimônia?

Em uma rápida busca de evidências no PubMed, um repositório mundial de pesquisas em saúde, é possível encontrar estudos quantitativos que sugerem que cantar aumenta o vínculo mãe-bebê, reduz a dor em pacientes pós-cirúrgicos, melhora a capacidade pulmonar em pacientes com doença crônica, aumenta o bem-estar de pacientes idosos e diminui a ansiedade em geral, sem apresentar efeitos colaterais significativos

Além disso, estudos qualitativos sugerem que é uma experiência agradável para os pacientes, que consistentemente relatam que cantar os ajuda a lidar melhor com sua condição de saúde.

A música é um importante instrumento de humanização em saúde, assim como a contação de histórias, os doutores-palhaços, a atenção à espiritualidade, aos vínculos sociais e tantos outros aspectos que a ciência cartesiana ignorou por algum tempo. Ainda precisamos estudar mais, mas o certo é que há muito a pesquisar e descobrir, e esta é uma das nossas funções como Universidade: não ter preconceito e analisar cuidadosamente as novas evidências.

Um estudo experimental sugere que os batimentos cardíacos dos cantores de um coral acabam por se sincronizar juntamente com sua respiração. É um fenômeno fisiológico, mas também é

uma coisa bonita de se pensar. É simbólica. Nossos corações se sincronizam.

Para uma cardiologista, isso é interessante.

Para uma sonhadora, é uma ótima desculpa para voar.

Vamos voar, mas a hora é de ação.

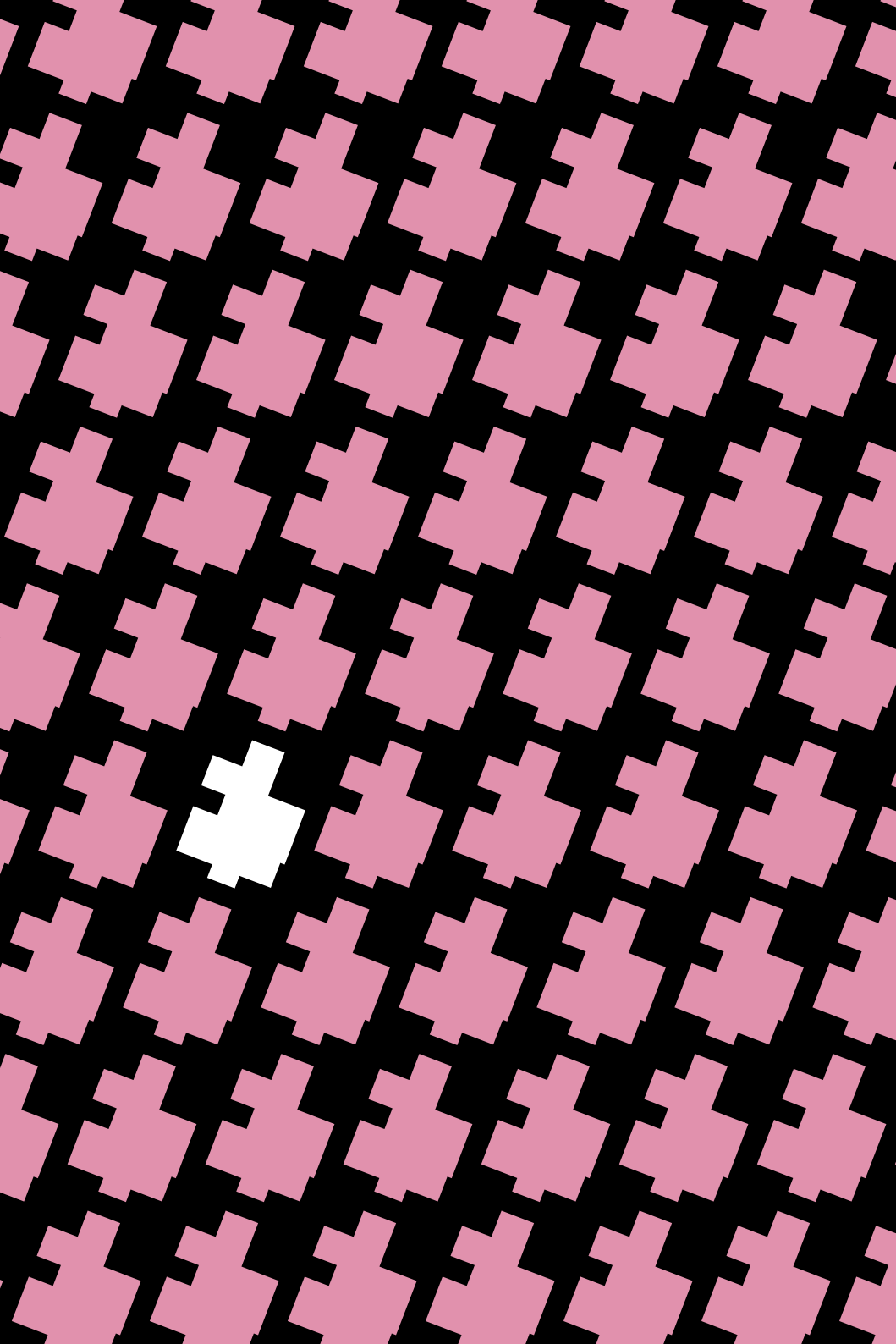
Pois um interessante estudo sugere que a sincronia verbal pode aumentar a eficiência da ação em grandes grupos. Os antropólogos especulam que os grupos que entoavam cânticos e dançavam juntos, também caçavam melhor.

Imaginem se somos resultado de uma seleção natural que privilegiou quem cantava junto e colaborava, em vez de competir?

Estudos modernos na área de gestão parecem apontar para a mesma direção. A colaboração parece levar bem mais longe do que a competição.

(...)

Somos uma enorme pequena Universidade. Para que sejamos cada vez melhores, precisamos encontrar a nossa voz. Precisamos entender o que nos faz especiais. Para isso, precisamos colaborar. Cada um de nós precisa entender o quanto é importante e valioso no conjunto, com suas diferenças e particularidades, exatamente como as vozes em um grupo de canto.”



11 A gestão e o curso intensivo de vida

*Và dove ti porta il cuore*¹¹

A gestão nunca foi um projeto ou um sonho, mas ela sempre surgia, a cada etapa, como consequência de uma postura de vida: a postura de me envolver profundamente e procurar melhorar como ser humano e, se possível, contribuir de alguma forma para melhorar o pequeno pedacinho de mundo onde eu habitasse. Isso, muitas vezes, fazia com que as pessoas me apontassem representante e, aos poucos, fui aprendendo a vencer limitações, aceitar desafios e desenvolver a escuta.

Logo após obter o título de especialista, ingressei como médica cooperada da Unimed Porto Alegre. Por trabalhar com prevenção, colegas indicaram-me para a Assessoria de Medicina Preventiva na cooperativa. Comecei elaborando projetos que deveriam ser submetidos à Agência Nacional de Saúde (ANS). À época, a

11. “Vá onde seu coração mandar”, título do livro de Susanna Tamaro.

proporção de aprovação desses projetos pela ANS era de menos de 25%. Participei de seminários, fiz contato com as pessoas da ANS para entender os objetivos e normativas, e nosso primeiro projeto de prevenção e cuidado materno-infantil foi aprovado. A partir disso, a equipe foi crescendo, e chegamos a oito projetos de prevenção baseados no conceito de epidemiologia do curso da vida. A equipe de 3 pessoas cresceu para mais de 30.

Foi um período muito rico em aprendizado na área de gestão, pois participei ativamente do planejamento estratégico e das reuniões de acompanhamento de sua execução e aprendi muito com pessoas como os drs. Marcio Pizzatto, Beatriz Vailatti e Paulo Soares e com o administrador Renato Rebelatto. A troca com o Renato foi muito produtiva, pois ele ficou estimulado a ampliar os estudos em gestão em saúde e hoje está em Londres, estagiando no National Health System. Ao mesmo tempo, ele estimulou-me a estudar administração e apresentou-me a diferentes modelos de planejamento estratégico e de avaliação de resultados. Pude cursar um MBA em Gestão em Atenção Primária em Saúde, em uma parceria da UNIMED com a Cambridge Health Alliance/ FELUMA, que trouxe amigos e conexões em todo o Brasil e a oportunidade de uma intensa troca com os professores Robert Jannett, da Harvard Medical School (que se tornou um grande colaborador da UFCSPA), e William Meinkrantz e Kirsten Meisinger, da Cambridge Health Alliance.

Apesar de nunca ter aspirado a um cargo na gestão superior da universidade, acho que podia dizer, em 2016, que havia adquirido um conhecimento construído junto com as pessoas que nela trabalhavam e estudavam. A participação na tutoria, a chefia do DSC e a participação em várias instâncias de gestão da universidade (CONSUN, COMGRADs de medicina e enfermagem, NDES de medicina, enfermagem e nutrição, comissão de mudança curricular do curso de medicina, entre outros) foram acrescentando

conhecimento sobre a vida da universidade e seus desafios e aumentando a disposição de poder contribuir de alguma forma para construir uma cultura nova, que desse conta das transformações do mundo e da UFCSPA. Uma cultura que pudesse partir do que tínhamos de melhor — as pessoas e uma tradição de excelência — e que fosse além, ampliando a participação, a inclusão e a construção de um projeto conjunto de universidade.

As pessoas são a razão de ser da universidade. Unir as diferenças era, na minha visão da época, a única forma de construir uma universidade de excelência, na qual todos ajudassem a compor, com suas especificidades e saberes, um ambiente que estimulasse verdadeiramente a aprendizagem, a produção científica e a interação dialógica com a sociedade. Em suma, a UFCSPA tinha grande tradição e excelência, mas, como toda grande instituição, as transformações internas e externas trazem periodicamente a necessidade de reinvenção. É como se a estrutura física estivesse pronta, muito bem construída por todos os que pensaram o projeto de universidade desde o seu início, e que aquele fosse o momento de propor a construção de uma comunidade universitária.

E foi a partir dessas considerações que surgiu uma proposta nova de gestão, que uniu pessoas diferentes em torno de ideias comuns, em movimentos orgânicos que foram convergindo. Foi através dessas convergências que pude conhecer melhor a Jenifer, e não poderia haver melhor parceira. Muito rapidamente, formou-se um grande grupo que trabalhou intensamente em um projeto de universidade inclusiva e acolhedora, que tivesse foco nas pessoas e que também fosse modelo de gestão inovadora, com integridade baseada em responsabilidade coletiva, melhora dos processos e com tomada de decisões baseada em evidências e em diálogos significativos com a comunidade universitária. A própria campanha já incorporou os princípios que tanto valorizamos, como



IMAGEM 17 Cerimônia de concessão do título de professor *honoris causa* a Nuccio Ordine
Fonte: arquivo pessoal.

a descentralização e a participação, demonstrando, na prática, o nosso *motto* de que “com colaboração, se chega muito mais longe do que com competição”.

Hoje, vejo aquele momento ainda com certo espanto e muita gratidão. Dentro do modelo de epidemiologia do curso da vida, há janelas críticas que podem alterar toda a trajetória de um indivíduo, e acredito que aqueles poucos meses de 2016 foram uma dessas janelas.

Acho que há duas formas de ver esses acontecimentos, em um paralelo com o desenvolvimento das vacinas contra a covid-19 em 2020. É possível dizer que foi um movimento muito rápido e surpreendente, até mesmo para quem dele participou, assim como foi surpreendente o desenvolvimento tão rápido das vacinas. Por outro lado, para que as vacinas fossem desenvolvidas, houve mais de uma década de pesquisas básicas e clínicas e um acúmulo de conhecimento, além de uma grande colaboração de cientistas do mundo todo. O nosso projeto de gestão foi construído rapidamente, mas por um grande número de pessoas que tinham um conhecimento profundo da universidade em todas as suas diversidades e que, acima de tudo, nutriam um amor profundo pela UFCSPA.

Lembro que, ao ser procurada por algumas pessoas no começo do ano, recusei firmemente a possibilidade de assumir essa responsabilidade, justamente por nunca ter tido esse projeto. Mas, em pouco tempo, vários grupos diferentes procuraram-me, e todos concordaram em construir algo juntos, o que foi muito inspirador.

Não foi uma decisão sábia ou prática sob muitos pontos de vista, pois eu estava em um momento muito produtivo e de muita satisfação com a trajetória que tinha construído no ensino, na pesquisa, na assistência e na vida pessoal. Além disso, como meus amigos rapidamente apontaram, preocupados, a empatia pode ser sufocante em um cargo de responsabilidade por muitas pessoas. Lembro de ter sentado em um banco da Praça dos Cubos, em uma

tarde fria de julho, com a universidade quase vazia pelas férias acadêmicas, e perguntar-me o que fazer. Talvez, também, perguntar à universidade o que fazer. E, por isso, escolhi a citação que abre essa seção do texto, “vá aonde seu coração mandar”:

E quando à tua frente se abrirem muitas estradas e não souberes a que hás de escolher, não vás por uma ao acaso, senta-te e espera. Respira com a mesma profundidade confiante com que respiraste no dia em que vieste ao mundo e, sem deixares que nada te distraia, espera e volta a esperar. Fica quieta, em silêncio, e ouve o teu coração. Quando ele te falar, levanta-te, e vai para onde ele te levar (Tamaro, 1996, p. 165).¹²

Assim, apesar de a palavra amor ser, talvez, estranha em um memorial acadêmico, é preciso falar dela, pois essa foi uma decisão tomada por amor. Um amor profundo pela universidade e pelas pessoas. Foi difícil falar de amor e foi necessário reconquistar esse direito. Para mulheres na gestão, a sensibilidade e a empatia podem ser percebidas como um ponto fraco. “Ela só faz coraçãozinho”, foi um comentário que ouvi durante a campanha. É preciso demonstrar capacidade de gestão para poder falar de amor, principalmente em “tempos difíceis para sonhadores”¹³. Há novas formas de fazer gestão que incorporam, sim, a força amorosa, em uma verdadeira revolução. Mas há que provar como convém à academia. Muitas vezes, o que causa muito estranhamento no princípio

12. Do original “E quando poi davanti a te si apriranno tante strade e non saprai quale prendere, non imboccarne una a caso, ma siediti e aspetta. Respira con la profondità fiduciosa con cui hai respirato il giorno in cui sei venuta al mondo, senza farti distrarre da nulla, aspetta e aspetta ancora. Stai ferma, in silenzio, e ascolta il tuo cuore. Quanto poi ti parla, alzati è va’ dove lui ti porta.”. Trecho do livro *Va’ dove ti porta il cuore*, de Susanna Tamaro.

13. Do filme “Amélie Poulin”.

vai, aos poucos, demonstrando na prática que traz resultados. No discurso da segunda posse, pude voltar ao coração:

Hoje quero falar de coração.

Não se preocupem porque não vai ser uma aula de cardiologia.

Vai ser mais sobre coraçõezinhos mesmo. (...)

Tínhamos muitos projetos, mas um dos principais era cuidar e construir um ambiente onde as pessoas sentissem pertencimento, sentissem que estavam construindo juntas uma universidade.

Pensamos: esse é um resultado intangível. E é mais importante do que indicadores de excelência. Vamos assumir o risco de perder algumas posições nos *rankings*, mas vamos cuidar primeiro das pessoas e de coisas importantes de fazer, mas difíceis de medir.

Difícil de medir, mas possível de sentir.

E sentir é algo que se faz com o coração.

Mas, incrivelmente, quando se coloca o coração nas coisas, o resto flui como em um sistema circulatório saudável e capilariza. A ciência da gestão mais contemporânea mostra que cuidar das pessoas primeiro dá inclusive mais resultados (e é o mesmo princípio pelo qual cuidar da vida primeiro é melhor também para a economia). Na ciência, pensar diferente é um requisito. Por isso, quanto mais diversa for uma equipe, melhor. Se ela tiver mulheres, negras, negros, pessoas de diferentes escolhas, amores, posições, origens e crenças, melhor vai ser. Na gestão, é a mesma coisa. Considerar outras perspectivas sempre traz crescimento.

Começamos a subir cada vez mais nos indicadores, recuperamos nossa posição de melhor graduação, entramos nos *rankings* internacionais, mas, acima de tudo, ganhamos muito reconhecimento da sociedade como a universidade da saúde, a universidade acolhedora, a universidade que contribui, que sonha.

E isso tudo feito pelas pessoas da UFCSPA, não por nós. Por Lucia, Jenifer e você. (...)

É um projeto que não termina nunca, porque há sempre a melhorar, há muito a aprender. A universidade é dinâmica e a cada ano o nosso coração se expande para acolher novos integrantes, e muitas pessoas que moram no nosso coração saem para ganhar o mundo. E a cada ciclo cardíaco, precisamos aprender e reaprender, resignificar e repensar.

Até saber de cor (que significa saber com o coração) que a vida é assim, cheia de recomeços. Se entendermos que o que importa é a caminhada, fica bem mais fácil seguir.

A ciência nos ensina humildade. De mudar de ideia, de olhar as coisas por vários ângulos, de pensar diferente para mudar os resultados.

O coração se contrai na sístole e se expande na diástole, e assim alimenta a vida.

E a vida é alegre e triste, é fácil e difícil, é bonita e apavorante.

A vida é inclusiva, se expande, a vida é soma.

(e por isso a universidade sempre vai acolher todas as formas de amar e pensar)

A vida também é triste ao mesmo tempo, é difícil e “requer da gente coragem” como diz Guimarães Rosa. Coragem significa agir com o coração. (...)

Então, sim, fizemos muitos coraçõezinhos nesses anos, e continuaremos fazendo muitos mais.

Porque, para mim, coraçõezinhos são símbolos de força, de vida que pulsa, de vida que não se conforma, de amor, que é a maior força do universo.

Teremos anos muito difíceis pela frente

Mas estaremos juntos.

Inclusive, teremos uma disciplina eletiva, em 2021, organizada pela professora Ana Godoy e ministrada por muitas pessoas queridas, justamente sobre AMOR.

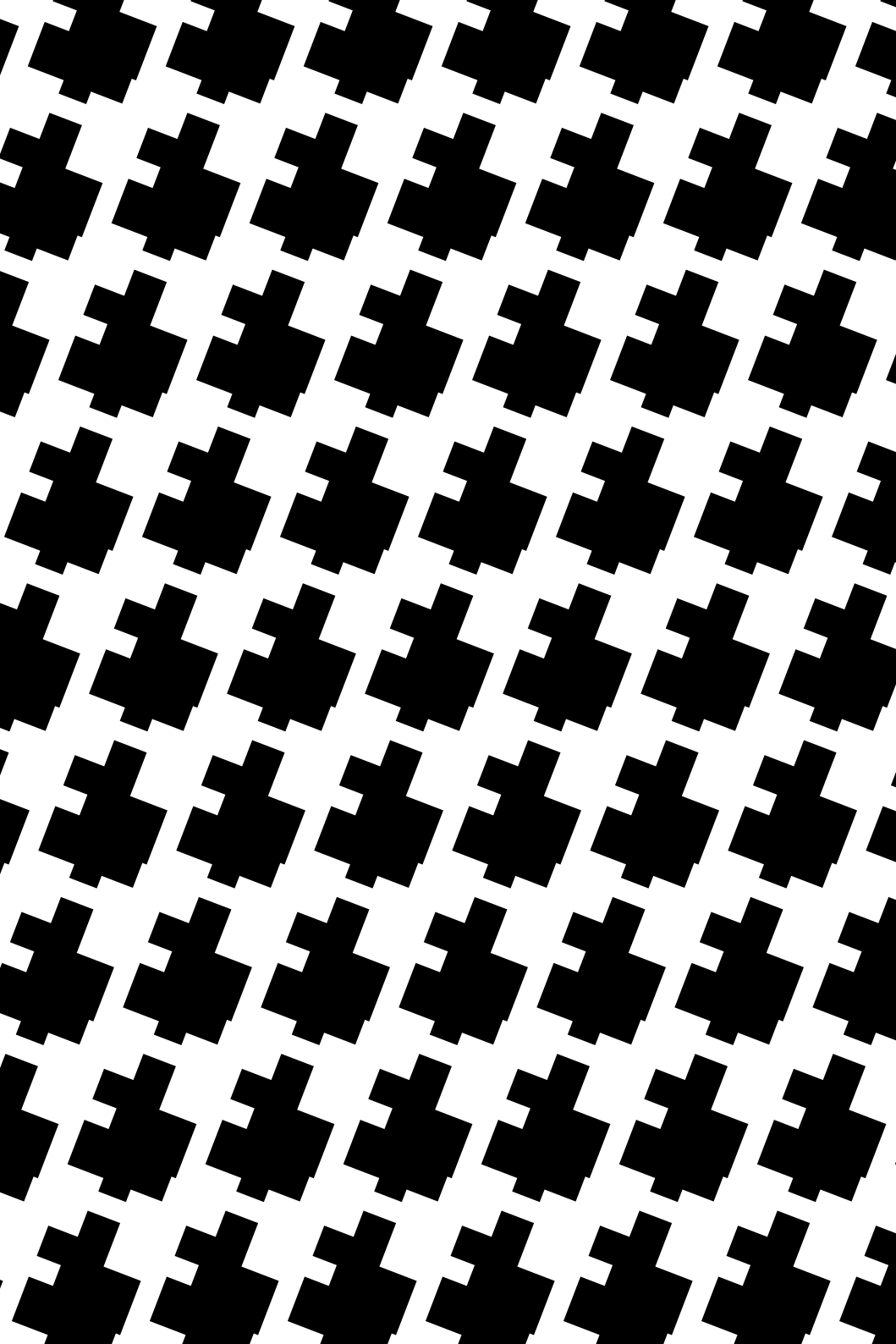
Preparem-se!

Amanhã será pleno

Amor vincit omnia.

O amor vence tudo.

Hoje, agradeço por ter tomado esse caminho desafiador e exigente, de crescimento e reinvenção, de desconstrução e reconstrução constantes. É um equilíbrio tênue entre a entrega a um projeto que exige muitas transformações e, ao mesmo tempo, a não perda da própria essência. A gestão é um curso intensivo de vida, um momento de consolidar todos os desafios em rápida sucessão. É um momento de reafirmar nossos valores mais caros e é uma grande oportunidade de viver de acordo com eles, impactando, de alguma forma, as pessoas à nossa volta.



12 Mulheres

Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas.

Audre Lord

No início deste memorial, descrevi a história das minhas avós e da minha mãe. Junto com tias, tias-avós, professoras e colegas, não me faltaram exemplos de mulheres fortes e generosas, cada uma a seu jeito, para iluminar o caminho.

Ao mesmo tempo em que sempre me senti pertencendo a grandes círculos de mulheres, também, muitas vezes, fui a única mulher na sala e a pessoa mais jovem. Mesmo em lugares com predominância feminina, a chefia geralmente era exercida por um homem. O fenômeno, conhecido como “teto de vidro”, representa uma espécie de limite invisível para as mulheres ocuparem posições acadêmicas de maior destaque ou liderança, apesar de

já apresentarem igualdade de proporções ou até mesmo maioria entre os pesquisadores no Brasil.

E talvez pelo “ar mais rarefeito” nessas posições, ou talvez por uma maior consciência desses fenômenos ou, ainda, por aspectos da própria conjuntura, passei a observar muito mais essas situações nos últimos anos. Um importante entrecruzamento ocorre com a metodologia científica: o olhar das mulheres só pode beneficiar a ciência. Muitos estudos mostram que, quanto mais diversificado é um grupo de pesquisa, mais ciência de qualidade ele produz. Costumo usar o seguinte exemplo em aula:

Um esqueleto é encontrado na Suécia, no século XIX. Considerando as armas de guerra, os cavalos, os ornamentos requintados, está claro que se trata de Viking em posição de poder.

Viking em posição de poder tem que necessariamente ser homem, certo?

Assim, os cientistas ignoram completamente as características femininas do esqueleto até que, em 2017, o DNA confirma que os achados são de uma guerreira Viking.

E agora que o esqueleto é de uma mulher, começam as dúvidas: ah, mas esses adereços são mesmo de uma guerreira? E se ela fosse a mulher de um guerreiro e houvesse mais de dois corpos enterrados juntos? E se...?

Todas são dúvidas válidas, mas nenhuma tinha sido levantada quando se achava que ali jazia um homem.

Eis um exemplo simples de porque em ciência não se pode ter preconceito. Os nossos filtros artificiais impedem de enxergar o óbvio (Pellanda, 2019).¹³

13. Lucía Pellanda, TEDxPASYouth, novembro de 2019.

Ainda hoje, muitas mulheres na história são tão invisíveis quanto essa guerreira *viking*, que ficou por décadas escondida sob o preconceito. Nunca estudei na escola, por exemplo, que uma mulher fundou a universidade mais antiga do mundo. Além disso, a universidade mais antiga que ainda está em funcionamento é a de Al-Karaouine, no Marrocos, fundada em 859 por Fátima al-Fihri.

A Universidade de Bologna, a universidade europeia mais antiga, foi fundada em 1088. A primeira mulher a ter oficialmente uma cátedra nessa universidade (na história ocidental) foi Laura Bassi Veratti, entre 1711 e 1778, ou seja, quase seis séculos depois que a universidade foi fundada.

Quando estava preparando um discurso para uma formatura de enfermagem, quis falar um pouco sobre Florence Nightingale. Qual a minha surpresa ao descobrir que outra mulher igualmente corajosa, Mary Seacole, negra, jamaicana, tão pioneira quanto Florence, tinha sido completamente esquecida pela história e só recentemente passou a ser reconhecida?

A história das mulheres está diretamente ligada à história das pessoas comuns, das minorias, das tradições orais e das culturas tradicionais. Isso sem falar da história do povo negro, das culturas indígenas e do oriente, histórias muito mais antigas e com uma enorme riqueza, todas ignoradas na história que aprendemos como única, e que historiadoras e historiadores hoje se debruçam em resgatar.

Assim, a nossa mera presença nesses espaços já traz em si a possibilidade de mudança. Aprendi com a filha, alunas, irmãs e amigas, que, muitas vezes, o que eu achava natural na verdade era aprendido e que, se nunca me senti limitada em nada por causa das mulheres fortes que vieram antes de mim, preciso tentar ser para outras o que essas mulheres foram para mim. Ouvir de alunas que elas pensam em ser reitoras um dia é uma prova disso. Nós podemos ser a inspiração para as meninas do futuro

seguirem as carreiras que elas quiserem na academia, na ciência e na saúde. Como diz a reitora Sandra Goulart, da UFMG, "Não há como dissociar a acadêmica da gestora, da mulher em um cargo de liderança."¹⁴

Dessa forma, não basta haver mulheres em posições de liderança. É preciso que essas mulheres construam redes de compartilhamento de experiências e mentoria para ajudar outras mulheres em suas carreiras. Acredito que sempre procurei fazer isso, em todos os níveis em que me encontrei, mesmo que, no início, apenas intuitivamente. Uma experiência muito rica veio no período de gestão, com a formação de uma rede forte e produtiva com as demais reitoras mulheres na ANDIFES (em uma brincadeira, chamei o grupo de ANDIVAS, e acabamos nos denominando assim dali em diante). Ali fui acolhida por mulheres de muita experiência e força, como as reitoras Soraya Smaili (UNIFESP), Márcia Abrahão (UnB) e Valéria Correia (UFAL) na ANDIFES — e, na regional sul, pela reitora Cleusa Dias — e, depois, participei do acolhimento e da troca com as outras reitoras que vinham assumindo seus cargos, como Sandra Goulart (UFMG), Joana Guimarães (UFSB) e Denise Carvalho (UFRJ).

A Jenifer e eu formamos uma das poucas duplas de reitora e vice-reitora mulheres em universidades federais. A UFCSPA, desde que assumimos, tem uma das maiores proporções de mulheres em cargos de alta gestão, refletindo a própria universidade.

Acredito que, como integrantes de uma universidade pública, nós, mulheres em cargos de liderança, temos de representar uma

14. Reitora Sandra Goulart, UFMG, 2020. Mulheres líderes: diálogo, reflexão crítica e resistência. Em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/mulheres-lideres-dialogo-reflexao-critica-e-resistencia>.

aposta no sentido contrário ao do cerceamento e do silenciamento que tentam nos impor: a aposta no diálogo, na reflexão crítica e na resistência. Não é pouca coisa, e não são pequenos os interesses em disputa. Vivemos momentos nos quais deve sobressair a elaboração de estratégias para resistir a uma desconstrução – que opera no campo material e prático, do estrangulamento de políticas públicas para as mulheres, e no campo simbólico, com a tentativa de minar a legitimidade de nossas lutas. É um afã antigo que precisamos todas abraçar, pois juntas somos e seremos sempre mais fortes.¹⁵

Ainda é cedo para dizer, mas talvez seja justamente essa “aposta no diálogo, na reflexão crítica e na resistência” que tenha trazido melhores resultados em países e cidades governados por mulheres durante a pandemia de 2020 a 2021. Decisões que priorizam a vida e que são embasadas na ciência, investimento em comunicação para o engajamento da sociedade e rapidez em implementar protocolos de prevenção são algumas das características observadas. Mas essas são cenas para o próximo capítulo...

15. Reitora Sandra Goulart, UFMG, 2020. Mulheres líderes: diálogo, reflexão crítica e resistência. Em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/mulheres-lideres-dialogo-reflexao-critica-e-resistencia>.



IMAGEM 18 Reunião da bancada feminina da Câmara Federal, com as reitoras de universidades federais, em 2019

Fonte: arquivo pessoal.

13 Pandemia, interconexão e resiliência: aulas avançadas do curso intensivo

*Mais estranho que a ficção*¹⁶

No teatro lotado de familiares e amigos durante uma formatura em 2019, faço uma brincadeira: “O mundo dá voltas, afinal, a Terra é redonda”, e, imediatamente, a plateia começa a aplaudir de pé. Nunca, na minha vida, imaginei esse momento (nem teatro lotado me ouvindo, nem ser aplaudida de pé, nem estar com a toga branca de reitora e, muito menos, ser aplaudida por dizer que a Terra é redonda). Mas, se 2019 já havia trazido uma conjuntura muito difícil para a ciência, a educação e a saúde, o ano seguinte traria acontecimentos ainda mais inimagináveis.

Esta parte do memorial ainda é difícil de escrever, pois não se trata do passado, que pode ser avaliado e ressignificado, mas de um presente ainda em andamento e cheio de incertezas. No momento

16. Título de filme de 2006, dirigido por Marc Foster.

em que escrevo, o Brasil atinge o número de quase 21 milhões de casos notificados e 578.000 óbitos atribuídos à covid-19.¹⁷

Todos nós ainda estamos elaborando o luto e o significado desses meses para cada um e cada uma. Posso dizer que tem sido, até agora, um período de desafios, dúvidas e tristeza, mas também de descoberta de recursos de resiliência e força, de trabalho intenso e de reafirmação do compromisso com a saúde da população e com a educação.

Em 31 de dezembro de 2019, foi descrita, inicialmente na China, na região de Wuhan, a ocorrência de um *cluster* de casos com quadro clínico de pneumonia. No início de janeiro, foi identificado o sequenciamento genético do novo coronavírus (SARS-CoV-2), e a nova doença foi denominada de covid-19 (Wang *et al.*, 2020). Começamos a acompanhar os primeiros casos com apreensão na universidade. Em fevereiro de 2020, já estava claro que o potencial de espalhamento do vírus era muito grande, e que a situação poderia se tornar grave no mundo todo rapidamente, a ponto de a Organização Mundial de Saúde decretar a situação como uma pandemia no dia 11 de março de 2020 (Bohn *et al.*, 2020; Li *et al.*, 2020; Liu, Kuo, Shih, 2020).

No Brasil, o primeiro caso foi notificado em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo. O primeiro caso no RS foi confirmado no dia 10 de março. Antes da confirmação dos primeiros casos no país, houve uma intensa mobilização das universidades e instituições de pesquisa, na qual a UFCSPA assumiu um protagonismo importante. As universidades públicas, em conjunto, agendaram uma reunião com o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, para oferecer ajuda nos esforços de enfrentamento. As universidades

17. Parte dessa seção foi condensada e submetida para publicação sob a forma de artigo na Revista de Estudios Brasileños — Universidade de Salamanca.

organizaram rapidamente assistência, pesquisa e produção de insumos e equipamentos.

O governador do Rio Grande do Sul instituiu um comitê científico de apoio ao enfrentamento à covid-19 no estado. Passei a participar representando a UFCSPA, juntamente com as professoras Jenifer Saffi, Alessandra Dahmer, Alice Zelmanowicz e Eliana Wendland, além de outros pesquisadores de diversas instituições do estado. Por ser da área da epidemiologia e também estar na gestão, assumi um papel ativo no comitê, auxiliando na elaboração das notas e participando das discussões sobre as políticas de prevenção e comunicação. Essa participação fez com que o governador me indicasse para compor também um novo grupo, o Conselho de Especialistas, formado por 5 especialistas de diferentes áreas, com o objetivo de monitorar e sugerir melhorias ao modelo de distanciamento controlado adotado pelo estado.

A partir das discussões no comitê, surgiu a necessidade de se obter dados de base populacional sobre a prevalência de exposição ao SARS-CoV-2, já que havia subnotificação e muitas dúvidas sobre a proporção de casos assintomáticos. Dessa forma, o então reitor Pedro Curi Hallal propôs o primeiro estudo de prevalência de anticorpos contra o SARS-CoV-2 no país, o EPICOVID-RS, sendo um dos maiores realizados no mundo até esta data. A rapidez com que o protocolo foi elaborado e executado deveu-se, principalmente, à experiência do centro coordenador, o Centro de Pesquisas Epidemiológicas da Universidade Federal de Pelotas (Centro de Pesquisas Epidemiológicas, 2021), e da colaboração entre universidades, governo do estado e prefeituras (Hallal *et al.*, 2020).

Participar da equipe coordenadora do EPICOVID-RS foi uma experiência recompensadora por diversos motivos. Em primeiro lugar, pela oportunidade de voltar a trabalhar com pessoas a quem muito admiro, como os professores Cesar Victora, Fernando

Barros, Pedro Hallal, Bernardo Horta, Ana Menezes e Mariangela Silveira, e de poder ver tantas referências internacionais da área da epidemiologia em ação. Em segundo, por voltar a trabalhar em grandes estudos epidemiológicos de campo, como aqueles realizados pelos meus professores Maria Ines Schimdt e Bruce Duncan, podendo reviver todos os seus ensinamentos. Além disso, a vivência no grupo da equipe de Porto Alegre e a intensa colaboração que se instalou para a realização da coleta foi uma das mais desafiadoras e recompensadoras da pandemia. Senti muito orgulho da nossa equipe, formada principalmente por estudantes e docentes da UFCSPA e de outras instituições de Porto Alegre, pela coragem, desprendimento e vontade de contribuir em um momento tão crítico. Perdi muitas noites de sono por causa do estudo, pensando em como aumentar a segurança da equipe e dos participantes em uma época em que o nosso conhecimento sobre a doença era bastante limitado e ainda não havia perspectiva de vacina, mas as histórias e vivências proporcionadas pelo EPICOID-RS foram de intenso aprendizado científico e humano. A formação de redes fez com que pudéssemos buscar recuperar as recusas, entrando em contato com grupos que conheciam moradores de determinados condomínios, falando com síndicos, guarda municipal, brigada militar, secretaria de saúde, vigilância epidemiológica e imprensa. Inicialmente, também, a sociedade respondeu com engajamento nas medidas e com a valorização da ciência. Os resultados da pesquisa foram divulgados pela internet pelos pesquisadores e pelo governador do estado, com grande participação do público e repercussão na imprensa.

Observou-se, naquele momento, um importante engajamento da sociedade no estado, na adoção das medidas de contenção de acordo com as recomendações científicas e, inicialmente, também se observou um resultado de baixos índices de novos casos,

internações e óbitos com relação à média nacional (Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2021).

A partir desses resultados, foi proposto o EPICOID-BR, envolvendo 133 municípios brasileiros. O estudo foi inicialmente apoiado pelo Ministério da Saúde. Como era impossível a organização pelas universidades em cada município, como havia sido feito no RS, uma empresa de pesquisa foi contratada para a coleta no país inteiro. No entanto, esse estudo já encontrou sérias resistências, inclusive com prisão de pesquisadores em alguns municípios e destruição de materiais, além de uma campanha de desinformação declarando que os pesquisadores eram, na verdade, golpistas (Justino, 2021). Isso demonstrou o quanto a colaboração e a preparação para o trabalho de campo são fundamentais. Após esse aprendizado, com a ajuda de uma rede informal de divulgação através das redes sociais, as demais etapas do EPICOID-BR transcorreram de forma mais tranquila.

Outro momento muito significativo para mim foi voltar a trabalhar mais intensamente com meus professores Maria Ines Schimdt, Bruce Duncan e Sotero Mengue, além do antigo colega de DSC e tutoria, Marcelo Gonçalves, e com uma equipe muito competente do Telessaúde/RS no ACC-POA, um caso-controle de base populacional que já citei no início desse texto por completar um círculo desde o primeiro estudo de campo (Gonçalves *et al.*, 2021).

No Brasil, a doença assumiu um padrão com curva epidêmica mais alongada do que inicialmente esperávamos e com diferentes platôs. As dimensões continentais fizeram com que inicialmente houvesse epidemias concomitantes em diferentes fases espalhadas pelo território nacional, com uma tendência à interiorização nos estados onde o pico ocorreu primeiro (Hallal *et al.*, 2020). No entanto, ao longo de 2020, a pandemia foi se aprofundando no



IMAGEM 19 Equipe do EPICOVID-UFCSPA em campo no dia das mães, 2020

Fonte: arquivo pessoal.

Brasil, que chegou em março de 2021 a ser o epicentro mundial da doença (Hannah Ritchie *et al.*, 2021).

Ainda é difícil avaliar as proporções dessa tragédia, pois ela ainda se desdobra e é agravada por diferentes escolhas políticas e por variáveis sociais, econômicas e culturais. No entanto, já podemos afirmar que certamente é uma das mais significativas tragédias de nossa história. Talvez a tragédia seja ainda maior pelo fato de que uma grande parte dela possivelmente seria evitável. O país tinha condições de enfrentá-la muito melhor do que fez até este momento, pois teve mais tempo do que a Ásia e a Europa para implementar medidas de prevenção e fechamento de fronteiras. O Brasil também possui um sistema unificado de saúde altamente capilarizado e com forte ênfase na atenção primária, com uma experiência exitosa de agentes comunitários de saúde, um programa nacional de imunização que já foi modelo mundial, uma grande confiança da população nas vacinas de modo geral e, finalmente, um sistema de universidades e instituições públicas de pesquisa com capacidade e inteligência para o desenvolvimento de soluções transdisciplinares para os principais problemas nacionais.

A UFCSPA assumiu um protagonismo importante desde o início da pandemia. Além da participação nos diferentes comitês do estado do RS e, em 2021, no comitê multissetorial de enfrentamento à covid-19 de Porto Alegre, a universidade trabalhou em inúmeras frentes.

No dia 4 de março, foi organizada, pelos professores Airton Stein e Ana Beatriz Gorini da Veiga, uma atividade com diversos especialistas, para discussão sobre a nova doença. Naquele momento, ainda não havia nenhum caso notificado no Brasil. A partir dessa atividade, ficou evidente a necessidade de preparação para a chegada da epidemia ao país. No dia seguinte, foi instalado o COE-UFCSPA para iniciar essa preparação na universidade.

Desde então, além dos nossos professores e técnicos estarem assumindo posições de liderança na linha de frente do enfrentamento à covid-19, foi imediatamente instalado um programa de voluntariado, e foram retomados os estágios de último ano. Foram mais de 30 projetos de pesquisa inicialmente, mais de 4 toneladas de álcool gel produzidas no nosso laboratório de farmácia, mais de 2.000 escudos faciais e peças para respiradores produzidas no centro de inovação Santa Casa-UFCSPA, cerca de 30.000 teleatendimentos em uma colaboração entre a UFCSPA e a UFRGS, mais de 50.000 testes realizados na UFCSPA e mais 100.000 em colaboração com a Santa Casa. Além disso, foram elaborados protocolos de atendimento em saúde mental para profissionais de saúde e para idosos, entre diversos outros projetos. Uma campanha de solidariedade levou não somente roupas e alimentos para as pessoas que mais precisavam, mas também informação e acolhimento no período de quarentena. Foram inúmeras atividades educativas de extensão envolvendo todos os cursos, incluindo um curso sobre COVID que envolveu 2.000 pessoas de todo o Brasil e outro sobre biossegurança, que já atingiu mais de 1.000 pessoas. A Editora da UFCSPA, coordenada pela professora Ana Carolina Fonseca, lançou, com muita agilidade, uma coleção especial sobre a covid-19, que já teve mais de 200.000 *downloads* em 2020 e 2021. A UFCSPA também se destacou no cuidado com a formação para o Ensino à Distância Emergencial, com um período intenso de formação docente.

14 Traduzindo evidências: quem sou eu para falar?

De certa forma, por pertencer a tantos campos distintos, sempre tentei construir conexões entre esses campos, o que significava tentar traduzir linguagens diferentes de uma área para outra. Por isso, interessei-me por *Knowledge translation research*, que procuramos usar nos ensaios clínicos randomizados do PREVINA de prevenção com crianças e adolescentes e também aplicar na prática clínica, com resultados na mudança de comportamento das crianças e, em alguns casos, também das famílias. Nos estudos que realizamos em escolas, observamos também mudança de hábitos de saúde dos professores. Uma das atividades de “tradução de evidências” que trouxe mais satisfação no último ano foi organizar uma série de livros sobre prevenção da covid-19 para crianças, narrados pelo Dog e seus “aumigos e miaumigos”, para a Editora da UFCSPA.

Desde sempre, achei que minha missão como docente era traduzir os conceitos da Saúde Baseada em Evidências para a prática clínica. Na gestão, passei a refletir sobre a importância dessa comunicação de forma mais ampliada, incluindo a “tradução”

Capítulo 1

 APRESENTAÇÃO

Currículo "Lates" do autor

 Currículo **Lates** 

[Dados gerais](#) | [Formação](#) | [Atuação](#) | [Produções](#) | [Eventos](#) | +



Sir Dog Turntrash

Oii Meu nome é Sir Dog Turntrash, senhor de Cuscoshire, guardião da bolinha, patrulheiro da noite, destruidor de bolos e profissional da soneca. Resumindo, podem me chamar de Dog mesmo. Sou um doguinho muito da paz, gosto mesmo de passear e tirar sonecas. Também sou famoso porque de vez em quando escrevo no Facebook da humana aqui de casa.

IMAGEM 20 Currículo "Lates" do "au-tor"

Fonte: arquivo pessoal.

sobre a importância da ciência e da universidade para a sociedade de forma que pudesse ser compreendida por mais pessoas, principalmente aquelas (ainda) muito distantes (infelizmente) dos muros acadêmicos.

Há alguns anos, observamos um movimento anti-intelectualismo e anticiência no mundo, e, no Brasil, esse movimento tem se direcionado também contra as universidades públicas. As universidades públicas intensificaram, nas últimas décadas, seus papéis de formação de profissionais e de inserção na sociedade, com aumento dos números de estudantes e de projetos de pesquisa e extensão, mesmo com o orçamento nas áreas de educação, ciência e tecnologia sendo gradualmente cortado desde 2015 (UFMG, 2019). Simultaneamente aos cortes de recursos e, em alguns casos, até mesmo em sincronia, uma série de notícias falsas foi disparada sobre as universidades e suas comunidades. Dessa forma, a percepção da população é de que as universidades são caras, inúteis e elitistas, quando elas estão cada vez mais longe dessa descrição. As políticas afirmativas de inclusão na universidade resultaram em uma profunda transformação de vidas e da própria universidade, e o impacto das universidades para a sociedade é imenso. No entanto, ainda temos muita dificuldade de comunicar, para a sociedade, a importância da universidade pública.

Desde o início da gestão, eu vinha buscando elementos para estudar esses fenômenos. Na ANDIFES (Associação Nacional de Dirigentes das Instituições de Ensino Superior), defendi, juntamente com vários outros colegas, a necessidade da criação de uma comissão de comunicação. A proposta foi aceita em 2018, e tenho exercido a sua presidência desde então. Realizamos um seminário sobre o tema em março de 2019, com discussão de seus resultados no pleno da ANDIFES.

Paralelamente, vínhamos empreendendo grandes esforços para aprimorar a comunicação da UFCSPA junto à sociedade, com iniciativas como o UFCSPA Acolhe, o abraço às universidades e a inserção em redes sociais, entre outras. Apesar de ser uma das melhores graduações do Brasil e de ter uma tradição de décadas, a UFCSPA era muito pouco conhecida fora dos meios acadêmicos (“ah, é da UFRGS?”; “da Santa Casa?”). Trabalhamos para que a universidade se tornasse mais conhecida, e também mais acolhedora. Buscamos a interação dialógica, em que aprendemos com a sociedade e abrimos as portas para ela.

Uma vez, encontrei duas meninas de 10 a 11 anos de idade saindo do Laboratório de Biologia Molecular, durante um UFCSPA Acolhe, com aquele brilho no olho de quem fez grandes descobertas. Puxei conversa com elas:

— E aí, estão gostando?

— “Sim!” — disse uma delas. Eu quero estudar aqui nessa universidade.

“E eu vou ser cientista.”

Um momento marcante foi receber os jovens da ONG Alvo, da Zona Norte de Porto Alegre, e ouvir deles: “nunca pensamos em ocupar um espaço tão bonito assim. Nunca pensamos em estar dentro da universidade fazendo nossa arte.”. Nessas horas, gosto de imaginar que, quem sabe, algum destino foi traçado, ou que novas possibilidades se abriram.

Durante a pandemia, a importância da comunicação ganhou novos contornos. Desde a metade de março de 2020, uma cisão na comunicação entre diferentes setores da sociedade se aprofundou e ganhou um novo impacto, incluindo as diferentes esferas de governo e demais poderes da república, os cientistas, a mídia e a sociedade em geral. As redes sociais tiveram intenso papel na propagação de mensagens conflitantes a respeito da pandemia,

inclusive com volume significativo de desinformação circulando e prejudicando esforços de enfrentamento. Quase simultaneamente a uma valorização inicial da ciência, começaram a circular mensagens conflitantes, com importantes líderes políticos, formadores de opinião e profissionais de saúde divulgando posturas contrárias às medidas de contenção e minimizando a magnitude do risco. Algumas dessas mensagens tinham como alvo os próprios cientistas, em uma tentativa de deslegitimar a posição da academia e das pesquisas que vinham sendo realizadas (Falcão; Souza, 2021). A grande disponibilidade de informações para o público em geral cria também a necessidade de um embasamento para que as pessoas possam avaliar criticamente essas informações. Isso já vinha sendo discutido há mais tempo no contexto da educação em saúde, mas o que ficou explícito durante a pandemia foi o imenso potencial de dano para a saúde dessa falta de letramento.

Em 14 de março, escrevi um texto na rede social Facebook, intitulado “Porque agora é hora de ler, jogar Detetive e maratonar séries”, logo após a suspensão das aulas, em resposta a uma dúvida de algumas pessoas da comunidade UFCSPA. O texto foi muito compartilhado e comentado (2.600 curtidas, 3.300 compartilhamentos e 192 comentários no Facebook, mais vários compartilhamentos em outras redes), tendo um alcance muito maior do que qualquer outra publicação anterior minha. Percebi o quanto as pessoas estavam precisando de informações transmitidas de maneira simples e prática em meio a tantas incertezas. Passei a dedicar parte do pouco tempo livre para escrever textos de divulgação científica, focando principalmente na prevenção da transmissão da covid-19. Aos poucos, fui recebendo retornos de que os textos estavam ajudando. Uma professora da área de comunicação, organizadora do TEDxUnisinos, que já havia me convidado para falar sobre ciência em um dos eventos TEDxUnisinos Salon, sugeriu que

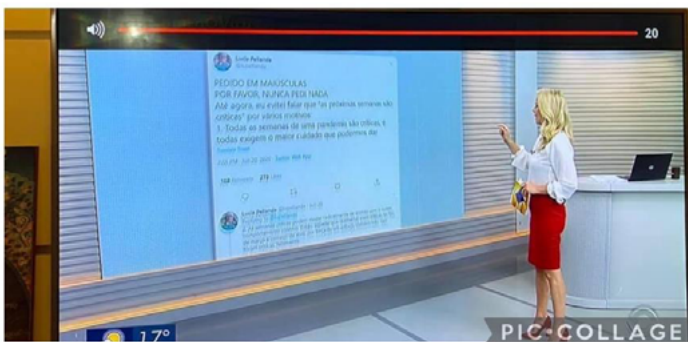


IMAGEM 21 Repercussão de um tweet meu na televisão, julho de 2020 (RBS TV)

Fonte: arquivo pessoal.

eu começasse a publicar pequenos resumos no Twitter, pois esta era uma rede importante para a visibilidade das mensagens para jornalistas e jovens (que estavam abandonando o Facebook).

O estatístico Samuel Wilks (1951), parafrazeando o autor H.G. Wells, afirmou, em 1951, que o “pensamento estatístico seria um dia tão necessário para o exercício eficiente da cidadania quanto saber ler e escrever”. Durante a pandemia, pudemos ampliar esse conceito de “pensamento estatístico”, que certamente vem sendo extremamente necessário para entender os diversos indicadores relacionados à saúde da população, para um conceito mais amplo de letramento científico. Compensei um pouco das minhas saudades de estar em sala de aula falando de metodologia científica no Twitter e em outras redes sociais. Durante a apresentação da ANVISA sobre vacinas, por exemplo, aproveitei para falar sobre *Hazard Ratio* e Regressão de Cox, sempre na intenção de traduzir esses conceitos para que as pessoas pudessem compreender o que se passava e pudessem tomar decisões sobre sua própria saúde. Assim, abriu-se, para mim, mais um caminho de interação dialógica.

O letramento científico é pensado aqui não somente como o conhecimento sobre ciência e tecnologia, mas também como papel nas relações humanas e sociais, incluindo aspectos como a ética, os conflitos de interesse, os princípios de beneficência e não maleficência e a importância da pesquisa para a sociedade, entre outros. Dessa forma, o letramento científico é importante não somente para tomar decisões individuais em saúde, como usar máscaras, manter distanciamento ou evitar aglomerações, mas também para avaliar criticamente políticas públicas durante a pandemia.

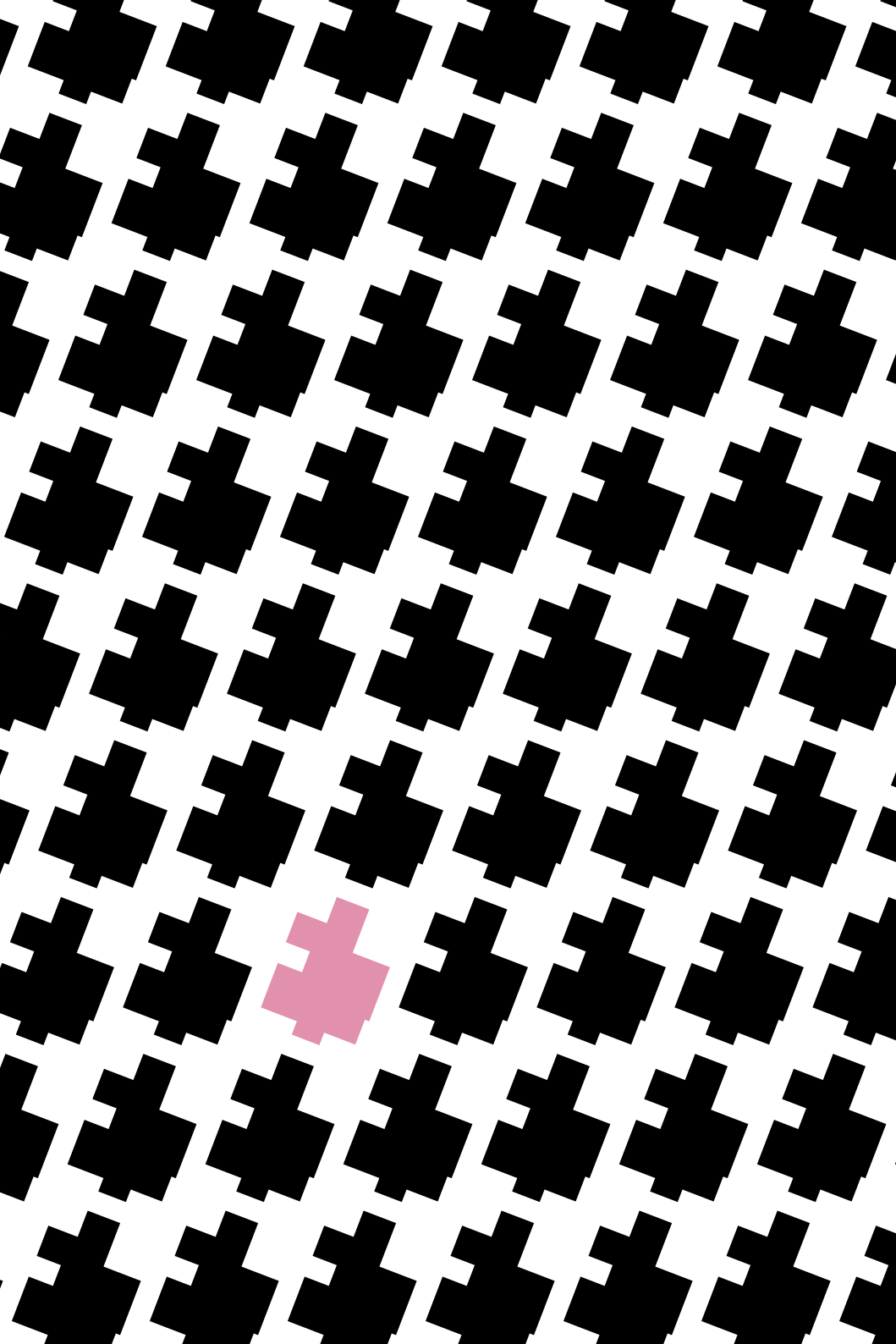
Ao mesmo tempo, os acontecimentos levaram-me a pensar muito sobre o letramento científico na própria comunidade acadêmica brasileira e mundial. Profissionais de várias áreas defenderam medidas opostas às que a ciência vinha recomendando, o

que teve impacto sobre o controle da pandemia. Isso também leva à reflexão de que o letramento científico jamais pode ser descolado de seu aspecto ético. Ou seja, precisamos discutir ciência na academia, ou pensar a ciência “por dentro”.

Alguns desses profissionais de saúde utilizaram largamente, para a defesa desses procedimentos, alguns artigos publicados de baixíssima qualidade, geralmente divulgados em grupos do aplicativo WhatsApp acompanhados de mensagens características, com linguagem bastante incisiva. É de se levantar a hipótese de que tenham recebido informação por grupos de colegas sem efetivamente avaliar os estudos em questão, ou de que, o fazendo, careçam de ferramentas básicas para a avaliação crítica dos mesmos. Além disso, também se observou muita resistência de alguns profissionais em assimilar as mudanças nas evidências ao longo da pandemia — outro conceito importante para a Saúde Baseada em Evidências, o de mudar as condutas e decisões clínicas com o surgimento de novas evidências ao longo do tempo. Esses dois elementos — leitura crítica das evidências científicas e necessidade de atualização permanente — são dois importantes elementos que temos sempre discutido em diversas instâncias da UFCSPA, como no Fórum Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e nas mudanças de projetos pedagógicos de cursos. Provavelmente, teremos que aprofundar nossas reflexões no período pós pandemia.

A pandemia evidenciou que ainda há um longo e difícil caminho desde a produção do conhecimento até a sua aplicação na transformação da prática clínica. Esse é um papel que os cursos da área da saúde, os serviços de saúde e o poder público podem reforçar com ações de educação continuada, estabelecimento de protocolos clínicos baseados em evidências e promoção da decisão clínica compartilhada.

A grande disponibilidade de informação traz inúmeras vantagens, mas também gera a necessidade de um letramento científico da população em geral e dos profissionais de saúde para uma seleção adequada e avaliação crítica. A multiplicidade de mensagens sobre as formas de lidar com a epidemia possivelmente contribuiu para a dificuldade de controle no país. Nesse sentido, a pandemia relacionada à covid-19 explicitou uma série de desafios de comunicação e letramento científico que já vínhamos enfrentando na sociedade brasileira, levando à reflexão de que é fundamental resgatar o método científico e a ética, com um olhar especial para a formação dos profissionais de saúde.



15 O futuro está em construção

*É assim que vamos ganhar. Não lutando contra o que odiamos, mas salvando o que amamos.*¹⁸

Gosto muito da definição de política como “a capacidade de construir um futuro alternativo”. Gostaria de encerrar o presente memorial reforçando a convicção de que a educação é uma das formas mais efetivas de se mudar o mundo; ela muda a sociedade como um todo e pode mudar a trajetória de vida de cada pessoa. Uma melhor distribuição do conhecimento leva à melhora da vida de todos, e é uma grande plataforma comum que podemos buscar, porque afeta a vida de todos nós.

Há experiências de países que conseguiram mudanças muito rápidas investindo maciçamente em educação. O principal resultado, que é a formação de uma nova geração, leva tempo, mas alguns desfechos intermediários aparecem no curto prazo. Quanto

¹⁸. Frase da personagem Rose Tico, membro da Resistência na saga *Star Wars*.

maior o desenvolvimento humano e tecnológico do país, mais soluções são geradas para nossos principais desafios, melhor é a qualidade de vida e maior é a atração de investimentos, tudo isso em um círculo virtuoso. Como repetimos inúmeras vezes em todas as oportunidades possíveis ao longo dos últimos anos, “educação não é gasto, é investimento”.

Como disse o nosso professor *honoris causa*, Nuccio Ordine, em cerimônia na UFCSPA:

Será preciso lutar muito nos próximos anos para salvar dessa deriva utilitarista não somente a ciência, a escola e a universidade, mas também tudo o que chamamos de cultura. Será preciso resistir à dissolução programada do ensino, da pesquisa científica, dos clássicos e dos bens culturais, porque sabotar a cultura e a educação significa sabotar o futuro da humanidade.¹⁹

Sinto, dentro do conceito de Epidemiologia do Curso da Vida, que essa é mais uma janela de crescimento em que é possível construir um futuro alternativo. “A vida não cabe no Lattes”, mas o Lattes pode ser cheio de vida, satisfação e significado.

Em meio a uma pandemia, esse olhar à minha história trouxe uma sensação de conexão muito bem-vinda. A cada artigo, disciplina e trabalho citado, vêm-me, à memória rostos, momentos, afetos. A história da carreira também é uma história dos afetos. Revivi momentos marcantes e pessoas que cresceram e ganharam o mundo e as que já se foram. Esta foi uma oportunidade de resgatar histórias de mestres e também de alunas e alunos, hoje pesquisadores, profissionais e docentes. É voltar a ser tocada pelos ensinamentos de cada uma e cada um, e ter orgulho de ter participado, de alguma forma, dessas trajetórias.

19. Citando o seu livro, “A utilidade do inútil”.

ABRAÇO À UFCSPA

29/09 - 12h
Concentração às 11h30 nas
escadarias do prédio 1

Contamos com a tua participação!!

UFCSPA
universidade estadual de educação de saúde
de maracá

FIGURA 22 Campanha de valorização da universidade, 2017

Fonte: arquivo pessoal.

Um dos livros que mais marcou minha infância, presente da minha avó, foi *A história da minha vida*, de Helen Keller. Essa autora tem uma frase que resume bem este memorial: “Sozinhos, pouco podemos fazer; juntos, podemos fazer muito.”. E, como defende a epidemiologia do curso da vida, em cada etapa, tive o privilégio de contar com muitas pessoas, e isso inclui as que me antecederam em muito e também todas as que vieram e virão depois de mim. Na minha vida acadêmica e pessoal, colaboração não foi um conceito abstrato: estive presente de uma forma muito prática e concreta.

Tenho a sorte de ter tecido, entre os tantos retalhos dessa toalha, em tantos lugares, laços para toda vida. Ao contemplar a trajetória até aqui, sinto uma felicidade muito grande por ter tido a oportunidade de trabalhar com propósito, de diferentes maneiras, mas sempre em prol do que acredito fundamental. Se me for permitido, continuarei tentando, com entusiasmo, mudar um pequeno pedaço de mundo.

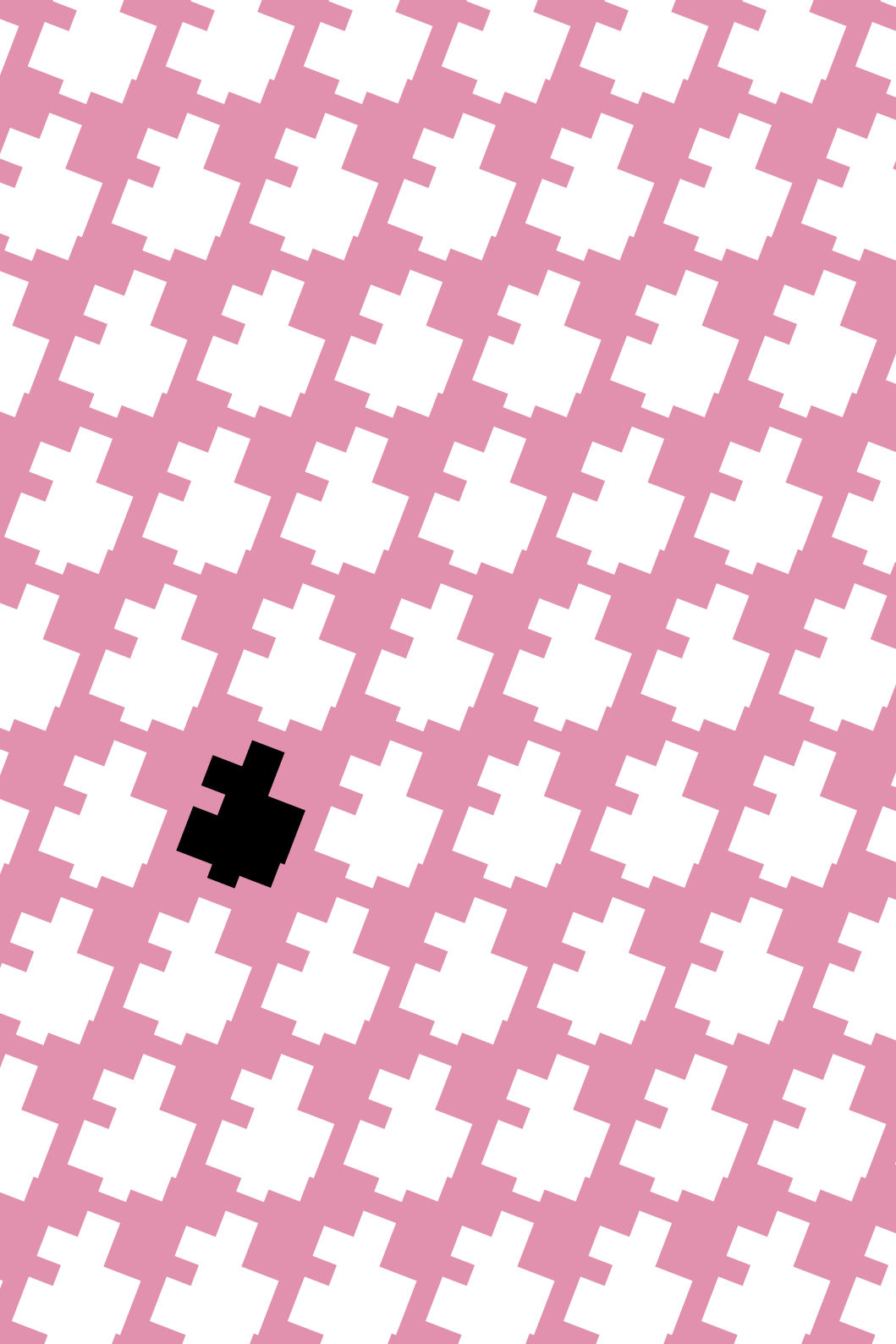
16 Resumo por tipo de atividade e principais instituições

em negrito, títulos de seções do memorial.

	Origem, vivências extra-acadêmicas	Ensino	Pesquisa	Extensão	Prática clínica	Gestão
O início	<p>A toalha da amizade</p> <p>A biblioteca da casinha de madeira e as conversas durante o almoço</p>					
Instituto de Educação		<p>O ensino: juntas, cantemos</p> <p>As classes-laboratório</p> <p>Magistério</p>				

UFRGS	O que eu quero é correr mundo, correr perigo	O curso de medicina e o ensino médico Monitorias de Metodologia Científica, Medicina Interna e Pediatria	O curso de medicina e o ensino médico Assessoria científica		Estágios: Roya Victoria Infirmery, Newcastle; Glostrup Hospital, Copenhagen	CASL Representante de turma Congregação
HCPA	Rotinas em pediatria				Residência em pediatria: assistência e evidências para mini pessoas	Chefia dos residentes
IC/FUC		O coração Iniciação científica Docência PPG Ciências da Saúde: Cardiologia Curso pré-pós	Mestrado Doutorado PPG Ciências da Saúde: Cardiologia PREVINA	PREVINA Cursos SBC	O coração	Prospecção e fomento Coordenação PPG Unidade de Pesquisa
Unimed Porto Alegre					Atendimento clínico	Assessoria de medicina preventiva MBA - Gestão em Atenção Primária em Saúde (Cambridge Health Alliance-FE-LUMA)

<p>FFFCMPA e UFCSA</p>		<p>A universi- dade contém um universo</p>	<p>A universi- dade contém um universo</p>	<p>Quando eu soltar a minha voz, por favor entenda</p> <p>Divulgação científica</p> <p>Traduzindo evidências: quem sou eu para falar?</p>		<p>Chefia do DSC</p> <p>CONSUN</p> <p>COMGRADs e NDEs</p> <p>A gestão e o curso inten- sivo de vida</p> <p>Pandemia, intercon- exão, resil- iência</p> <p>Repre- sentação ANDIFES</p> <p>O futuro está em construção</p>
----------------------------	--	---	--	---	--	---



17 Atividades conforme disposto no artigo 5º da resolução CONSUN nº 27/2014: Ensino, Pesquisa, Extensão, Gestão e Produção Profissional

17.1 Atividades de ensino e orientação, nos níveis de graduação e/ou mestrado e/ou doutorado e/ou pós-doutorado;

Disciplinas ministradas

Disciplina	Curso
Professora regente	
Metodologia Científica Epidemiologia	Medicina
Metodologia Científica TCC I TCC II Bioestatística	Nutrição

Metodologia Científica Bioestatística	Biomedicina
Pesquisa em Saúde II Pesquisa em Saúde VI Pesquisa em Saúde VII	Enfermagem
Epidemiologia clínica	Ciências da Reabilitação, nível: pós-graduação
Introdução à Epidemiologia	Residência Multiprofissional In- tegrada em Saúde, nível: especial- ização
Ensaio Clínicos Contemporâneos em Cardiologia	Todos
Leitura crítica de artigos científicos em língua inglesa	Todos
Ensaio clínicos com ferramenta de pesquisa e translação em cardio- logia	Todos
Avaliação Crítica de Artigos Científicos e Produção Científica Bioestatística Curso de Pré-Pós em Epidemiologia Clínica Escrita Científica e Revisão Sis- temática Metodologia Científica Aplicada à Pesquisa Clínica Seminários em Prevenção de Risco Cardiovascular na Infância	Ciências da Saúde: cardiologia, nível: pós-graduação

Professora colaboradora	
Epidemiologia	Nutrição
Epidemiologia I	Medicina
Epidemiologia	Farmácia
Pesquisa em Saúde III	Enfermagem
Metodologia Científica	Psicologia
Professora visitante	UFPE
Medicina Embasada em Evidências	Medicina Interna, nível: pós-graduação

17.2 Orientações concluídas

Mestrado: 37

Tese de doutorado: 17

Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização: 8

Trabalho de conclusão de curso de graduação: 18

Iniciação científica: 99

17.3 Estudantes de intercâmbio DENEM/ Coordenação Local de Estágios e Vivências (CLEV) Medicina UFCSPA/ IFMSA

1. Elena Miruna Vasile. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2016. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – Romania.

2. Inès Thion Soriano. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2016. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – França.
3. Rene Rebeca Tena Montiel. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2016. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – Venezuela.
4. Ernesto Castaneda. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2016. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – México.
5. Jose Andres Vazquez Gomez. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2016. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – Equador.
6. Roberto Edwin Castillo Felix. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2016. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – México.
7. Elena Gallini. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2016. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – Itália.
8. Mariella Giuliana Rosado Arana. Tutora na supervisão do trabalho

do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2016. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – Peru.

9. Sherif Elsadia El Hadi El Mahdi. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2015. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – Egito.
10. Zied Maatoug. Tutora na supervisão do trabalho do projeto de pesquisa: Preventive cardiology tactics for children from Rio Grande do Sul with congenital heart disease. 2015. Orientação de outra natureza. (Cardiologia) – Tunisia.

17.4 Atividades de produção intelectual

Artigos completos publicados em periódicos: 149

Livros publicados/organizados ou edições: 2

Capítulos de livros publicados: 32

Resumos publicados em anais de congressos: 330

Outras produções bibliográficas: traduções e revisões técnicas: 10

17.5 Atividades de extensão, demonstradas pela participação e organização de eventos e cursos, pelo envolvimento em formulação de políticas públicas, por iniciativas promotoras de inclusão social ou pela divulgação do conhecimento, dentre outras atividades

2014 - 2015

Coral UFCSPA

Integrantes: Lucia Campos Pellanda – Integrante /

Marcelo Rabello dos Santos – Coordenador.

Viva o povo brasileiro – Coral UFCSPA 2015

Integrantes: Lucia Campos Pellanda – Integrante / Marcelo Rabello dos Santos – Coordenador.

2014-2015 Doutores palhaços: o uso do riso com instrumento terapêutico
Integrantes: Lucia Campos Pellanda – Coordenador / Elizabeth Carvalho de Castro – Integrante.

01/2017 - 12/2017 Liga de Cardiologia
Colaborador

03/2015 - 07/2015 Liga de Medicina Interna.
Colaborador

17.6 Coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão e liderança de grupos de pesquisa

Liderança de grupos de pesquisa: PREVINA

Coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão: 21

17.7 Coordenação de cursos ou programas de graduação ou pós-graduação

2007 - 2014 Coordenação do PPG Ciências da Saúde:
Cardiologia

2015 - 2017 Vice-coordenação PPG Ciências da Saúde:
Cardiologia

17.8 Participação em bancas de concursos, de mestrado ou de doutorado

Mestrado: 34

Teses de doutorado: 22

Qualificações de doutorado: 6

Qualificações de mestrado: 1

Monografias de cursos de aperfeiçoamento/especialização: 8

Trabalhos de conclusão de curso de graduação: 21

Concurso público: 11

Outras seleções: 19

17.9 Organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino ou extensão

Organização de eventos: 19

Participação em eventos: 271

17.10 Apresentação, a convite, de palestras ou cursos em eventos acadêmicos

Apresentações de trabalho: 83

Cursos de curta duração: 28

Entrevistas, mesas redondas, programas e comentários na mídia: 67

Coordenação do Programa de Treinamento em Métodos de Pesquisa Clínica da Sociedade Brasileira de Cardiologia/Research and Innovation Coaching Program da Duke University. 2012.

Membro do comitê de premiação do I International Symposium on Cardiovascular Epidemiology HCPA. 2013.

Presidente do Comitê de Cardiologia Baseada em Evidências da Sociedade de Cardiologia do RS. 2001.

17.11 Recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas

1998

Young Investigators Award, World Heart Federation.

1998

Prêmio Pesquisador Destaque FAPERGS – área da saúde, Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul.

2010

Apresentação destacada no World Congress of Cardiology 2010 “Overweight in Brazilian School Children”, American Heart Association – AHA.

2010

The Quaker Fellowship Project for participation in the World Congress of Cardiology – Beijing, China, QUAKER OATS/PEPSICO Company.

2013

Prêmio Salvador Célia – 3º Lugar – Qualidade de vida relacionada à saúde em adolescentes portadores de cardiopatias congênitas – VI Congresso Gaúcho de Atualização em Pediatria, Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul.

2013

Melhor tema livre oral – 2º lugar – Congresso Sociedade de Cardiologia do RS – Simpósio de Educação Física.

2013

Melhor tema livre – Pôster – 2º lugar – Congresso da Sociedade de Cardiologia do RS – Simpósio de Fisioterapia.

2013

Melhor Tema Livre – Pôster – 1º Lugar – Aspectos psicossociais de crianças com cardiopatia congênita – Congresso SOCERGS, SOCERGS.

2016

Melhor Pôster – 2º Lugar – Simpósio de Especialidades em Cardiologia – Nutrição – SOCERGS 2016 – “Escola saudável é mais feliz: ensaio clínico randomizado desenhado para deter a obesidade em escolares”, SOCERGS.

2016

Certificado de reconhecimento pela colaboração com a história da Instituição e ajuda na construção de um legado perene, Instituto de Cardiologia.

2016

Prêmio Melhores Temas Livres – 2º Lugar – Trabalho: Treatment of periodontal disease after myocardial infarction: randomized clinical trial – Congresso da SOGERGS 2016, Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio Grande do Sul.

2018

Homenagem de reconhecimento à sua relevante contribuição para a criação e consolidação do curso de Fisioterapia da UFCSPA, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

17.12 Participação em atividades editoriais e/ou de arbitragem de produção intelectual e/ou artística

Membro de corpo editorial

2013 - Atual	Periódico: Revista da Associação Médica Brasileira (1992. Impresso)
2008 - 2016	Periódico: Arquivos Brasileiros de Cardiologia

Revisor de periódico

2006 - Atual	Periódico: Revista da Associação Médica Brasileira
2006 - Atual	Periódico: Jornal de Pediatria
2008 - Atual	Periódico: Paediatric and Perinatal Epidemiology
2007 - Atual	Periódico: Arquivos Brasileiros de Cardiologia (Impresso)
2008 - Atual	Periódico: Revista AMRIGS
2013 - Atual	Periódico: BMC Pediatrics (Online)

2010 – Atual	Periódico: Clinics
2008 – Atual	Periódico: Ciência em Movimento – Reabilitação e Saúde
2015 – Atual	Periódico: Pediatric Obesity
2015 – Atual	Periódico: Nutrients (Basel)
2015 – Atual	Periódico: Plos One
2015 – Atual	Periódico: Cardiology in the Young
2015 – Atual	Periódico: Revista Paulista de Pediatria (Impresso)

17.13 Assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão

Membro de comitê de assessoramento Ciências da Saúde, 2008 – 2012.
Agência de fomento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Participação na avaliação de relatórios técnicos, 2010.

Consultor de avaliação de projetos ao edital 005/2012 – AOE (auxílio organização de eventos), área das Ciências da Saúde – FAPERGS. 2012.

Consultor de avaliação dos editais 03/2012 ARD (Auxílio Recém Doutor), 04/2012 PQG (Pesquisador Gaúcho), na área das Ciências da Saúde – FAPERGS. 2012.

Consultor de avaliação de projetos dos editais 01/2011 Auxílio Recém Doutor, 02/2011 Pesquisador Gaúcho, 03/2011 PRONEM.

Avaliação do programa Pesquisador Gaúcho/área da Saúde, 2010.

Conselhos, comissões e consultoria, FAPERGS – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul.

Avaliação do programa Pesquisador Gaúcho/área da Saúde, 2009 – 2010.

Revisor de projeto de fomento.

Agência de fomento: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Goiás.

Agência de fomento: Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do MS, 2009.

Agência de fomento: Financiadora de Estudos e Projetos, 2008.

Consultora externa do processo de avaliação de projetos de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.

Parecerista *ad hoc* na avaliação de projeto de pesquisa no âmbito do Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica (PRONON) – MS/DECIT/SCTIE, 2015.

Membro do processo de avaliação do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN, 2016.

17.14 Exercício de cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de chefia de unidades/setores e/ou de representação

- | | |
|--------------------------|---|
| 2007 - 2009 | Chefe do Departamento de Saúde Coletiva. |
| 01/2010 - 08/2013 | Membro titular da Comissão de Graduação do Curso de Medicina – COMGRAD – representante do Departamento de Saúde Coletiva. |
| 11/2012 - 01/2013 | Suplente da Comissão de Graduação do Curso de Medicina – COMGRAD – representante Departamento de Saúde Coletiva. |
| 08/2012 - 12/2012 | Membro do Núcleo Docente Estruturante Enfermagem. |
| 09/2010 - 08/2012 | Membro da comissão de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). |

2009 - 2012	NDE – Núcleo Docente Estruturante do Curso de Graduação de Nutrição da Universidade conforme Portaria MEC nº 2 de 05 de janeiro de 2009. COMGRAD – Comissão de Graduação do Curso de Enfermagem – UFCSPA.
11/2010 - 10/2011	Membro do Núcleo Docente Estruturante. Curso de Biomedicina.
2013 - 2014	Chefe substituta do Departamento de Saúde Coletiva
3/2017 - Atual	Direção e administração, reitoria. Cargo ou função Reitora.

Referências

Achutti, A. *et al.* (2017) 'Declaração de Gramado: o Impacto de 20 Anos de Prevenção Cardiovascular', *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, 108(3), pp. 193–194. doi:10.5935/ABC.20170040.

Back Giuliano, I. D. C. *et al.* (2005) '1st Guideline of atherosclerosis prevention in childhood and adolescence', *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 85(SUPPL. 6).

Barbiero, S. M. *et al.* (2009) 'Overweight, obesity and other risk factors for IHD in Brazilian schoolchildren', *Public Health Nutrition*, 12(5), pp. 710–715.

Ben-Shlomo, Y. and Kuh, D. (2002) 'What is a Life Course Approach to Chronic Disease Epidemiology? Conceptual Models in Life Course Epidemiology', *International Journal of Epidemiology*, 31(Figure 2).

Blane, D., Netuveli, G. and Stone, J. (2007) 'The development of life course epidemiology', *Revue d'Epidemiologie et de Sante Publique*, 55(1). doi:10.1016/j.respe.2006.12.004.

Bohn, M. K. *et al.* (2020) 'Molecular, serological, and biochemical diagnosis and monitoring of COVID-19: IFCC taskforce evaluation of the latest evidence', *Clinical Chemistry and Laboratory Medicine*, 58(7), pp. 1037–1052. doi:10.1515/cclm-2020-0722.

Cecchetto, F. H., Pena, D. B. and Pellanda, L. C. (2017) 'Intervenções lúdicas Aumentam o conhecimento sobre hábitos saudáveis e fatores de risco cardiovasculares em crianças: estudo clínico randomizado CARDIOKIDS', *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, 109(3), pp. 199–206. doi:10.5935/ABC.20170107.

Centro de Pesquisas Epidemiológicas (2021) *No Title, Apresentação*. Available at: <http://epidemiologia-ufpel.org.br/site/content/cpe/index.php> (Accessed: 24 June 2021).

Cesa, C. C. *et al.* (2012) 'Physical activity and exercise interventions for childhood obesity: A systematic review with meta-analysis of randomized clinical trials', *Circulation*, 125 (19).

Cesa, C. C. *et al.* (2015) 'Effectiveness of Physical Exercise to Reduce Cardiovascular Risk Factors in Youths: A Randomized Clinical Trial', *Journal of Clinical Medicine Research*. Elmer Press, Inc., 7(5), pp. 348–355. doi: 10.14740/JOCMR1700W.

Falcão, P. and Souza, A. B. de (2021) 'Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil', *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 15(1), pp. 55–71. doi: 10.29397/reciis.v15i1.2219.

Ferdinand, K. C. (2019) 'Primordial Prevention of Cardiovascular Disease in Childhood: The Time Is Now', *Journal of the American College of Cardiology*. doi: 10.1016/j.jacc.2019.02.024.

Freitas, J. M. (2018) *Joseania Miranda Freitas Memorial Progressão Vertical de Professora Associada IV para Professora Titular*. Salvador — Bahia. UFBA. Available at: https://ppgmuseum.ufba.br/sites/ppgmuseum.ffch.ufba.br/files/publicacao_memorial_prof_a_joseania_miranda_freitas.pdf.

Gillman, M. W. (2015) 'Primordial prevention of cardiovascular disease', *Circulation*. doi: 10.1161/CIRCULATIONAHA.115.014849.

Giuliano, I. D. C. B. *et al.* (2009) 'Niños con corazones de adultos', *Arquivos*

Brasileiros de Cardiologia, 93(3).

Gonçalves, M. R. *et al.* (2021) ‘Social Distancing, Mask Use, and Transmission of Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2, Brazil, April-June 2020.’, *Emerging infectious diseases*, 27(8). Available at: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/34087090> (Accessed: 8 July 2021).

Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2021) *Boletim de Hospitalizações RS, macrorregiões e regiões COVID-19*. Porto Alegre. Available at: bit.ly/boletim_hosp_RS.

Hallal, P. C. *et al.* (2020) ‘Trends in the prevalence of COVID-19 infection in Rio Grande do Sul, Brazil: Repeated serological surveys’, *Ciencia e Saude Coletiva*, 25, pp. 2395–2401. doi: 10.1590/1413-81232020256.1.09632020.

Hannah Ritchie, Esteban Ortiz-Ospina, Diana Beltekian, Edouard Mathieu, Joe Hasell, Bobbie Macdonald, Charlie Giattino, Cameron Appel, L. R.-G. and M. R. (2021) *Coronavirus Pandemic (COVID-19)*, *Coronavirus Pandemic (COVID-19)*. Available at: <https://ourworldindata.org/coronavirus> (Accessed: 24 June 2021).

Justino, G. ‘Equipes de pesquisa nacional coordenada pela UFPel são agredidas e detidas pelo Brasil’, *Jornal Zero Hora/ Portal ClicRBS* 2021, May. Available at: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/05/equipes-de-pesquisa-nacional-coordenada-pela-ufpel-sao-agredidas-e-detidas-pelo-brasil-cka9zn51bookio1mj6q03sdvv.html> (Accessed: 24 June 2021)..

Lancarotte, I. and Nobre, M. R. (2016) ‘Primordial and primary prevention programs for cardiovascular diseases: From risk assessment through risk communication to risk reduction. A review of the literature’, *Clinics*. doi:

10.6061/clinics/2016(11)09.

Li, R. *et al.* (2020) 'Substantial undocumented infection facilitates the rapid dissemination of novel coronavirus (SARS-CoV2)', *Science (New York, N.Y.)*. NLM (Medline), 368(6490), pp. 489–493. doi: 10.1126/science.abb3221.

Liu, Y. C., Kuo, R. L. and Shih, S. R. (2020) 'COVID-19: The first documented coronavirus pandemic in history', *Biomedical Journal*. Elsevier Ltd, (xxxx), pp. 1–6. doi: 10.1016/j.bj.2020.04.007.

Minossi, V. and Pellanda, L. C. (2015) 'The "Happy Heart" educational program for changes in health habits in children and their families: Protocol for a randomized clinical trial', *BMC Pediatrics*. BioMed Central Ltd., 15(1). doi: 10.1186/S12887-015-0336-5.

Moraes, D. W. *et al.* (2016) 'Interest In research among medical students: Challenges for the undergraduate education', *Revista da Associacao Medica Brasileira*. Associacao Medica Brasileira, 62(7), pp. 652–658.

Oliveira, P. H. A. *et al.* (2015) 'Brazilian pediatric research groups, lines of research, and main areas of activity', *Jornal de Pediatria*. Elsevier Editora Ltda, 91(3), pp. 299–305.

Pellanda, L. C. *et al.* (2002) 'Doença cardíaca isquêmica : a prevenção inicia durante a infância Ischemic heart disease : prevention should begin in childhood', *Jornal de Pediatria*, 78.

Pellanda, L. C. *et al.* (2009) 'Low birth weight and markers of inflammation and endothelial activation in adulthood: The ARIC study', *International Journal of Cardiology*, 134(3), pp. 371–377.

Pellanda, L. C. *et al.* (2012) 'Research training program: Duke university and Brazilian society of cardiology', *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 99(6), pp. 1075–1080. doi: 10.1590/S0066-782X2012001500002.

Rodrigues, R. (2001) *Do outro lado do riacho, a história da cardiologia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: AGE Editora.

Sbaraini, M. *et al.* (2021) 'Prevalence of overweight and obesity among Brazilian adolescents over time: a systematic review and meta-analysis', *Public Health Nutrition*. Cambridge University Press. doi: 10.1017/S1368980021001464.

Sbruzzi, G. *et al.* (2013) 'Educational interventions in childhood obesity: A systematic review with meta-analysis of randomized clinical trials', *Preventive Medicine*. Elsevier Inc., 56(5), pp. 254–264. doi: 10.1016/j.ypmed.2013.02.024.

Schaan, C. W. *et al.* (2017) 'Capacidade funcional na cardiopatia congênita: Revisão sistemática e metanálise', *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 109(4), pp. 357–367.

Schmidt, M. I. *et al.* (1993) 'Validity of self-reported weight--a study of urban Brazilian adults.', *Revista de saúde pública*, 27(4), pp. 271–276. doi: 10.1590/S0034-89101993000400007.

Schuh, D. S. *et al.* (2017) 'Ocular Signs Related to Overweight and Arterial Hypertension in Children: A Systematic Review', *The Open Ophthalmology Journal*, 11(1). doi: 10.2174/1874364101711010273.

Shneid Schuh, D. S. *et al.* (2016) 'Healthy School, Happy School: Randomized clinical trial designed to stop obesity in children', *European*

Heart Journal, 37.

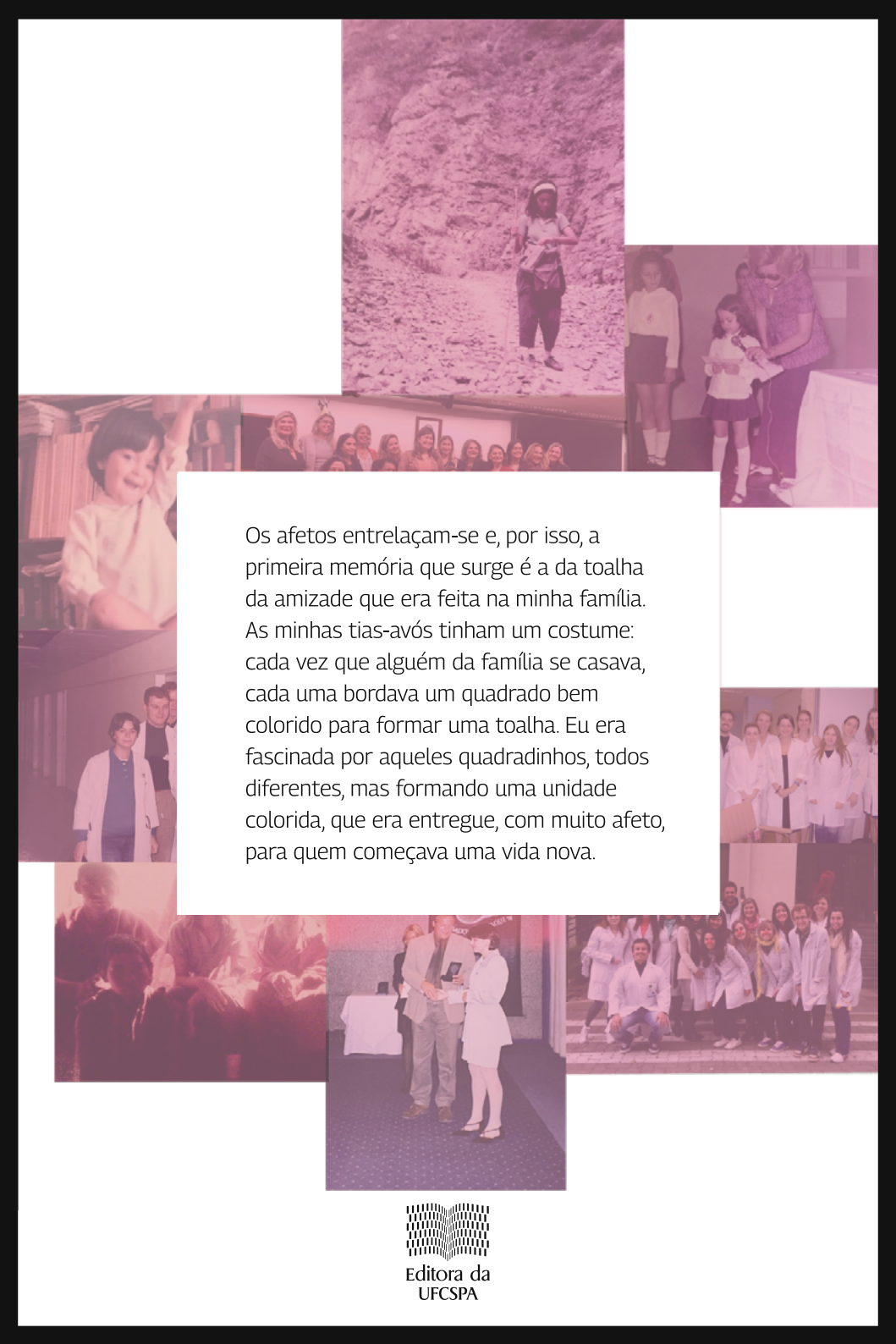
Silva, W. C. L. (2016) 'Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento', *Métis: História & Cultura*, 15(30), pp. 44–67. Available at: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/4934><https://repositorio.unesp.br/handle/11449/159370>.

TAMARO, Susanna. *Va' dove ti porta il cuore*. Milão: Baldini & Castoldi, 1996.

UFMG (2019) *Universidades e fake news: estudiosos analisam fenômeno*. Available at: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/universidades-e-fake-news-pesquisadores-analisam-fenomeno> (Accessed: 28 June 2021).

Wang, C. *et al.* (2020) 'A novel coronavirus outbreak of global health concern', *The Lancet*, 395(10223), pp. 470–473. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30185-9.

Zimmer L.P. ; Bohrer, M.S.A. ; Lueska, S. ; Kummer, S.C . *Rotinas em Pediatria*. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 335p.



Os afetos entrelaçam-se e, por isso, a primeira memória que surge é a da toalha da amizade que era feita na minha família. As minhas tias-avós tinham um costume: cada vez que alguém da família se casava, cada uma bordava um quadrado bem colorido para formar uma toalha. Eu era fascinada por aqueles quadradinhos, todos diferentes, mas formando uma unidade colorida, que era entregue, com muito afeto, para quem começava uma vida nova.